

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS**

JAMILLE MARIA ARAUJO DE ALMEIDA

**A VARIAÇÃO DO *TU* E *VOCÊ* NO PORTUGUÊS DE JACOBINA: uma
análise sociolinguística**

Jacobina
2013

JAMILLE MARIA ARAUJO DE ALMEIDA

**A VARIAÇÃO DO *TU* E *VOCÊ* NO PORTUGUÊS DE JACOBINA: uma
análise sociolinguística**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – UNEB,
Departamento de Ciências Humanas – Campus
IV/Jacobina, como requisito parcial para obtenção
de aprovação no curso de Licenciatura em Letras
Vernáculas.

ORIENTADOR: Prof.º Me. Tadeu Luciano
Siqueira Andrade (UNEB)

Jacobina
2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

JAMILLE MARIA ARAUJO DE ALMEIDA

**A VARIAÇÃO DO TU E VOCÊ NO PORTUGUÊS DE JACOBINA: uma
análise sociolinguística**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – UNEB,
Departamento de Ciências Humanas – Campus
IV/Jacobina, como requisito parcial para obtenção
de aprovação no curso de Licenciatura em Letras
Vernáculas.

ORIENTADOR: Prof.º Me. Tadeu Luciano
Siqueira Andrade

Aprovado em 06 de dezembro de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Me. Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UNEB)

Prof. Me. Arnon Alves Rocha (UNEB)

Prof. Me. Ludinalva Santos do Amor Divino (UNEB)

Jacobina
2013

Dedico este trabalho a todos àqueles que subestimaram meu conhecimento, minha determinação e capacidade para conquistar o que almejo.

Aos que, por vezes, olharam-me com desdém, achando minha área de formação acadêmica insignificante.

Aos que transmitiram energias negativas, para que olhem para si e voltem-se para Deus.

Em especial, à minha avó Maria de Lourdes e ao meu grande amigo irmão Edson Siolli, que partiram sem presenciar a conclusão dessa etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por guiar-me à conclusão deste trabalho.

À família que sempre esteve presente em todos os momentos, apoiando-me irrestritamente.

A cada um dos ilustres professores que passaram por minha vida, mostrando-me suas forças e determinação em busca de um mundo melhor.

Aos amigos que apesar de “terem suas enormes prioridades”, contribuíram para o meu crescimento como pessoa.

À Vida, pelo amor e incentivo.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
Erwin Schrödinger

RESUMO

Este trabalho de pesquisa consiste na análise da variação dos pronomes *tu* e *você* na comunidade de fala de Jacobina – Bahia, desenvolvida com fundamento nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e configurada pelo modelo de análise do comportamento linguístico desses pronomes no português brasileiro, no seu aspecto sincrônico e diacrônico, bem como uma análise desses pronomes à luz da Gramática Tradicional em confronto com o uso discursivo. Aborda ainda uma análise variacionista acerca dos usos dessas formas pelos falantes – sujeitos da pesquisa. A composição da amostra se deu com a coleta dos dados, como a gravação de entrevistas, posteriormente transcritas, focalizando as narrativas, histórias e experiências de vida; levando em conta os fatores internos e externos que possam influenciar em seus resultados e confirmar se na comunidade analisada as formas *tu* e *você* estão em processo de variação ou a caminho de uma possível mudança em relação ao uso.

Palavras-chave: Língua. Oralidade. Variação. Mudança. Sociolinguística.

ABSTRACT

This study, based on sociolinguistics theoretical and methodological backgrounds, analyses register variation, particularly in the use of the subject pronouns *thou* and *you* in a speaking community of Jacobina-Bahia. The analysis was developed based on the framework provided by the linguistic behavior of these pronouns in the Brazilian variation of Portuguese, considered in its synchronic and diachronic aspects, contrasting their discursive use to the prescriptions of Traditional Grammar. More particularly, it approaches a variation analysis of these uses among the participants of the research. Data collection of language samples were carried out through interviews, recorded and transcribed focusing on the participants' narratives, stories and life experiences. Both internal and external factors were taken into account to access impacts on language use and confirm whether the pronouns cited are part of a variation pattern of undergoing a change in their use.

Keywords: Language. Orality. Variation. Change. Sociolinguistics.

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: O <i>tu</i> e o <i>you</i> no Brasil: algumas pesquisas.....	35
Quadro 2: Distribuição dos sujeitos – Informantes da pesquisa.....	46
Quadro 3: Representação geral das ocorrências observadas	49
Quadro 4: Representação das ocorrências por escolaridade, gênero e idade.....	50
Quadro 5: Representação das ocorrências do <i>tu</i> em relação à concordância.....	50
Quadro 6: Representação das ocorrências na função de complemento	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DO <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: aspectos diacrônicos	14
1.1 ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS.....	21
2 UM ESTUDO SINCRÔNICO DO <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> NO PORTUGUÊS: o que diz a norma gramatical.....	27
2.1 A CONVIVÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA DO <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> : uma análise sincrônica .	33
3 <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> NO FALAR JACOBINENSE: uma análise variacionista	41
3.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO DA PESQUISA.....	44
3.2 CARACTERIZANDO OS INFORMANTES	44
3.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS: análise dos dados	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	58
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

Mediante observações de alguns professores da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, os quais não são naturais da região onde se localiza o referido Departamento, acerca da variação de uso dos pronomes *tu* e *você* pelos moradores da cidade, despertou em nós o interesse em observar esse fenômeno. A partir disso, surgiu a necessidade de descobrir quais fatores determinam a variação do uso do *tu* e do *você* nessa comunidade e com base em tal observação, analisaremos o contexto discursivo em que esses pronomes foram usados na comunicação entre os falantes. Ao tratar dos fenômenos da língua portuguesa no Brasil, estivemos atentos à análise variacionista, levando em consideração variáveis linguísticas e extralinguísticas. Tomamos por base, o registro da fala de alguns moradores naturais da região, em situações informais. Estes usuários da língua estiveram divididos entre cinco homens e cinco mulheres, com faixa etária e escolaridade distintas, no intuito de que houvesse uma comparação que nos levasse a um resultado consistente.

A pesquisa tem como objetivo definir quais os ambientes linguísticos propiciam o uso das variantes em questão e se houve uma sobreposição em relação ao uso dessas formas. Buscamos ao longo do trabalho, descrever a variação de uso entre o *tu* e a forma *você* na região de Jacobina, bem como, suas variáveis ocorrências em determinadas circunstâncias de informalidade. Fizemos a análise dos dados, objetivando: Relacionar os falantes que mais utilizaram o pronome pessoal *tu*; Traçar um perfil desses falantes; Elencar situações, as quais foram utilizadas os pronomes referidos; Verificar os fatores internos e externos que condicionaram o fenômeno; Explicar e descrever a variação fazendo um elo entre os contextos linguísticos e sociais, verificando assim, se houve tendências de mudança ou somente variações.

Esta pesquisa desejou revelar se houve uma tendência do uso de determinada variante voltada para relações mais próximas, informais entre os falantes, se sua presença na comunidade se deu pelo fator de localização geográfica, por situar-se no interior do Estado da Bahia, abrigando assim, desde o seu início, uma população proveniente da zona rural e imigrantes bandeirantes.

O estudo a que nos propusemos executar se desenvolveu através do viés teórico-metodológico da Sociolinguística, analisando o contexto social. Por ser, a língua portuguesa, tão diversificada, possibilitando a investigação, análise e descrição de um vasto aspecto linguístico, desponta o despertar crítico sobre a variação de uso dos pronomes de tratamento, que ora funcionam como pronomes pessoais sujeitos.

A pesquisa fez-se relevante uma vez que, não há trabalhos desenvolvidos com esse foco na região estudada e torna-se importante para a área a qual o trabalho está vinculado, contribuindo para expansão do conhecimento linguístico de quem dela possa ter acesso, compreendendo assim, a formação dialetal desse povo. O tema deu conta do esclarecimento do uso de tais variações, no intuito de fornecer informações pertinentes quanto à origem da utilização dos pronomes *tu* e *você*, desmistificando a ideia de ruralidade ou falta de conhecimento da “norma padrão”. Cremos ainda, que tal pesquisa tende a fortalecer a diversificação de estudo dentro do meio acadêmico da área de Letras Vernáculas, nesse Departamento de Ensino Superior.

Com base no problema levantado durante a construção do tema e a estruturação do Projeto de Pesquisa, surgiu a seguinte indagação “Quais fatores determinaram a variação do uso dos pronomes *tu* e *você* na oralidade da comunidade de Jacobina?” e qual o nosso objetivo em trazer para a discussão um assunto tão complexo quanto esse, que envolve questões diversas, como sociais, ideológicas e teóricas, tornando-se então, a nossa motivação mais frequente. A partir disso, esta pesquisa trabalhou com as seguintes ações:

- Elencou os sujeitos que utilizavam a variante *tu* e *você* com mais frequência;
- Descobriu se havia uma supremacia entre o uso do pronome *tu* sobre o *você*;
- Determinou os fatores que influenciaram a variação desse uso;
- Investigou se houve influência do nível de conhecimento escolar no discurso desses falantes, ao utilizarem tais pronomes, ou se ocorreram de modo espontâneo.

Dessa forma, esta pesquisa cujo foco é a coleta, análise e interpretação de dados, voltada para o estudo do fenômeno da variação linguística, não pretendeu versar sobre questões de valor ou noções de “certo” e “errado”, mas sim, compreender como e por que determinados fenômenos

se manifestaram. Esta se baseou por objetivos de ordem exploratória, descritiva e explicativa, pois, visou conhecer teoricamente do ponto de variação e mudança, descrever e explicar tal fenômeno.

Para a fundamentação teórica foram utilizados referenciais teóricos da Sociolinguística variacionista, explorando também as pesquisas existentes sobre o tema, em outras regiões, que buscaram mostrar a relação e o uso dos pronomes *tu* e *você*. O *corpus* pesquisado foi constituído pelos critérios da sociolinguística qualitativa, por ter sido composto por um recorte de amostras da fala, em forma de entrevistas gravadas, dos moradores nascidos e residentes na região de Jacobina – Bahia. Essas entrevistas recolheram narrativas de experiência pessoal, visto que, com esse argumento, o falante se sentisse menos inibido, despreocupando-se com a forma. Foram analisadas dez gravações, das quais, participaram tanto o sujeito do sexo masculino quanto do feminino, com faixa etária distribuída entre 18 a 25; 26 a 50 e a partir de 51 anos de idade, separados de acordo ao nível de escolaridade, ou seja, foram analisados a frequência escolar de cada grupo, tomando por base os níveis fundamental, médio e superior.

Diante do especificado, pretendemos pesquisar observando as seguintes hipóteses: 1- Houve uma variação do uso do *tu* e *você*; 2- O pronome *tu* está substituindo o pronome *você*; 3- No uso diário, ambos os pronomes são pessoais. Essas hipóteses foram avaliadas por meio das variáveis linguísticas: morfossintática e discursivo-pragmático; e por variáveis extralinguísticas: faixa etária, gênero e escolaridade.

Para melhor explicar o conteúdo trabalhado durante o desenvolvimento da pesquisa e análise dos resultados, possibilitando ao leitor dessa monografia um amplo entendimento e compreensão das ideias aqui transpostas e elencadas, dividimos o compêndio em três capítulos essenciais abordando primeiramente os elementos introdutórios que perfazem o trabalho e situam o leitor diante das abordagens que ele se deterá no decorrer da leitura; a segunda abordagem trata dos teóricos e seus posicionamentos defendidos acerca do que diz a norma gramatical e da teoria sociolinguística e sua aplicação ao uso, cujo conteúdo serviu de base para a pesquisa; em outra instância deu-se a apresentação e descrição, sob o aspectos variacionistas, dos itens avaliados no falar Jacobinense, para que a partir desses, se pudesse analisar sumariamente o fenômeno observado; e por fim, elenca-se a conclusão e o parecer composto das inferências construídas

durante a realização da pesquisa, fazendo uma discussão sobre os resultados apresentados na análise do corpus, especificando os fatores que determinaram ou não, a variação/mudança.

1 O COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DO *TU* E *VOCÊ* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: aspectos diacrônicos

Desenvolveremos, neste trabalho, a análise sócio-histórica do pronome pessoal de segunda pessoa – o *tu* no português, e o pronome de tratamento – *você*, usado na forma de sujeito elencando seu processo de desenvolvimento na língua portuguesa, tratando acerca dos aspectos sociolinguísticos e como os teóricos analisam o comportamento do *tu* e *você*, se a sua variação se dá por substituição ou outros fatores.

O português brasileiro, como uma língua histórica e constituída por influências lexicais, fonológicas, morfológicas, entre outras, de Portugal, país colonizador do Brasil, tende a idealizar uma língua voltada para a modalidade exemplar e uniforme no que se refere à padronização da unidade linguística ideal. Tal uniformidade, constantemente, tende a cair na noção de *certo X errado*. Para isso, Bechara (2009) desperta a atenção para que se tenha o cuidado em distinguir o que ele chama de *correto* e *exemplar*. Segundo o autor, há uma diferença conceitual entre esses dois planos, pois, ao tratar de uma modalidade dita exemplar, significa dizer que dentre as múltiplas modalidades existentes, há uma eleita, por razões históricas, para ser posta como ‘norte’. Em contraposição, o item “*correto*” está amplamente enraizado em juízos de valor e refere-se a uma dada língua funcional, mais especificamente, ligada à sua estrutura. Exemplificando os conceitos do *correto*, apresentamos um estudo sobre a variação do *tu*, bem como, o comportamento linguístico dos pronomes *tu* e *você* no português brasileiro e suas implicações no falar de Jacobina. Muitas vezes se observa o falante usando esses pronomes, sem se ater às normas explicitadas pelas gramáticas normativas. Dessa forma, Bagno (2009, p. 247) explicita que,

Nas comunidades linguísticas em que o *tu* é mais empregado, as formas verbais que acompanham o pronome oscilam entre a morfologia clássica (*tu vais, tu ias, tu foste*) e a morfologia característica da 3ª pessoa do singular (formas verbais que acompanham o *você*): *tu vai, tu ia, tu foi*. [...] mesmo nas comunidades onde é intenso e frequente o uso do *tu*, o pronome *você* também é empregado. [...] Por fim, o plural de *tu* é *vocês*, já que o pronome *vós* é tão usado no Brasil quanto a anquinha, o bacamarte e a roca de fiar...

Observa-se então, na citação anterior a variação do *tu/você* no que se refere à concordância e ocorrências nos falares do Português do Brasil.

Um estudo diacrônico nos leva a perceber que o uso do pronome *você* percorreu vários caminhos, passando por inúmeras mudanças linguísticas que, por sua vez, foram desencadeadas a partir de mudanças de cunho social, levando assim, à transição de sua forma nominal para um desempenho pronominal. Como nos afirma Faraco (1996, p. 52), “as mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com as mudanças nas relações sociais e valores culturais.” Partindo do pressuposto de que história, língua e sociedade caminham juntas de modo a estabelecer parâmetros para a compreensão das mudanças ocasionadas pelos falantes, levantemos alguns fatos marcantes que ilustram esse processo de ordem e mudança. A elite colonial ostentava o conservadorismo, ou seja, viviam no sistema de crenças baseadas no tradicional, nos usos e costumes antigos, e conseqüentemente, o isolamento dos hábitos linguísticos, no intuito de manter nítida a divisão de classes e poder na sociedade. Dessa forma, com o passar do tempo e crescimento dessa transição socioeconômica, o que antes era compartimentado entre burguesia, nobreza e clero, passou a dividir o mesmo cenário social, atraindo também, um vasto número de migrantes do campo para a zona urbana em busca de renda e moradia, gerando condições de trabalho compulsório. Tais fatos acarretaram diversas mudanças tanto nos hábitos sociais, quanto nos linguísticos dos cidadãos, visto que, se tornou necessária uma transformação para reajustar a comunicação social diante de classes tão desiguais. Assim, “A consequência é que entre a língua da elite e as do restante da população abria-se um fosso.” (BEARZOTI, 2005, p. 12)

Conforme pesquisa de tese de doutoramento de Valéria Viana Sousa¹,

Em uma sociedade de valores hierárquicos tão arraigados, na qual subjaz a idéia de que devam existir formas específicas de tratamento para cada camada da sociedade, esse novo *status* reclama uma forma de tratamento diferenciadora e, com isso, a forma pronominal de tratamento *vós* é substituída por não ser mais adequada para a referência real.

¹OS (DES)CAMINHOS DO VOCÊ: uma análise sobre variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você. (p.27) Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba.

Nesse período que prevaleciam rainhas, nobres, reis e vassallos, o “vós” era trazido como referência para o tratamento com os superiores, mas com o minar das relações de poder e eclesiásticas, tal forma foi substituída por “*Vossa Mercê*”, ainda designando submissão.

A referência do “*tu*”, como explicita a norma culta da língua portuguesa, se dava de maneira informal, tratando-se de uma pessoa no singular ou até mesmo no plural. Sendo assim, observa-se uma oposição entre essas duas pessoas: 2ª do singular = tu e 2ª do plural = vós, transformando o que deveria ser meramente utilizado de acordo com o número, para estabelecer o uso por meio de critérios de valor e poder. A evolução dessa norma culta, dita social, em que se empunhavam parâmetros para tratamentos cerimoniais fez o *tu*, posteriormente, dá lugar ao *você*, e assim, percebeu-se, desde cedo, a versatilidade da língua ao admitir, além dos pronomes pessoais, outras formas de tratamento.

Cintra (1986) mostra que por volta do início do século XVI usava-se a forma *Vossa Mercê* entre a grandiosa elite da época e eram utilizadas diferentes formas de tratamento para dirigir-se a uma mesma autoridade, como exemplo *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria* e *Vossa Mercê* a designar D. Afonso V, conforme fragmento abaixo:

Como melhor sabe *Vossa Alteza* que hua das propriedades do magnânimo he querer ante dar que receber (...). e, como quer que em vossos factos se podessem achar cousas assaz dignas de grande honra, de que bem poderees mandar fazer vellume, *Vossa Senhoria*, husando como verdadeiro magnânimo, a quis antes dar que receber. E tanto he vossa magnanimidade mais grande quanto a cousa dada he mais nobre e mais excellente. Pollo qual, stando **Vossa Mercee** o anno passado em esta cidade, me dissestes quanto desejavaes veer postos em scripto os feitos do Senhor Iffante dom Henrique vosso tyo... (apud CINTRA, 1986, p. 80)

Assim, ocorriam as relações de poder na sociedade. Havia uma exigência dos superiores e o polimento dos subalternos, pois ninguém deveria incorrer à aspereza de afrontar suas autoridades com comportamentos que parecessem desrespeitosos. As formas de tratamento eram indicadas por leis que estabeleciam como cada cidadão deveria dirigir-se aos demais, conforme suas classes sociais. Todas elas estavam precedidas de justificativas, como foi o caso do *Vossa + Nome*, *Vossa Mercê* que traziam atrelado ao pronome o significado de posse e graça, favor, benefício,

respectivamente. Na verdade, as pessoas se dirigiam aos reis e rainhas, solicitando a “vossa mercê”, ou seja, a generosidade deles, e, por costume, tornou-se uma expressão para o tratamento respeitoso. Com o passar do tempo e reafirmando a dinamicidade da língua, os criados e subalternos passaram a utilizar a expressão para dirigirem-se aos seus superiores. Nesse interim, vê-se a pluralidade de classes sociais apoderando-se das vertentes linguísticas e reafirmando-se como donos dela, uma vez que, independente de posses, tinham poder para manipulá-la. Esse modelo de tratamento, embora tenha se transformado, continua a imperar nos dias atuais, trazendo para cada membro com altivez, uma palavra que o invoque, impondo ainda, a divisão socioeconômica.

Durante muitos séculos, os falantes têm registrado e modificado a utilização dos pronomes de tratamento na língua portuguesa, assim, obtivemos mais variações no que diz respeito à diversidade desses pronomes. Observemos: tu/vós < vós < Vossa Mercê < Vossa Senhoria < Vossa Excelência < Vossa Alteza < Vossa Majestade... Nesse período, segundo a história do povoamento, os colonos portugueses desbravaram aqui no Brasil massificando-se variedades linguísticas e, se até então, a elite considerava o português de Portugal puritano, a partir daí configuraram-se as mudanças. Muitos teóricos afirmam ainda que essa mudança social contribuiu para a transição do *Vossa Mercê* para a forma *Você*, resultando no equacionamento da variação pelo encaixamento, embora a primeira forma tenha prevalecido como sinal de respeito. Faraco (1996, p. 32) expõe sobre esse processo:

De um lado, *ela* manteve sua integridade formal e seu valor como uma forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidado entre a pequena burguesia urbana, mas foi arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que sua rival abreviada (*você*) estava se tornando dominante (...) de uso corrente (...) em especial no português brasileiro, no tratamento da segunda pessoa do discurso.

Imaginemos em tal período em que não se havia estudos acerca dos fenômenos linguísticos e variações de uso da língua, os grandes detentores do poder sendo tratados por *Você* ao invés de *Vossa Mercê*. Para a época e classes superiores, a forma *você* era vista como mera forma simplificada, portanto, não digna de ser usada para com eles. Antônio Morais Silva, primeiro

filólogo brasileiro a elaborar um dicionário de língua portuguesa, classifica o pronome *você* como abreviatura do antigo *Vossa Mercê*, usado para relações mais íntimas, de informalidade. Houaiss (2009) define a palavra *você* como sendo “Pronome de tratamento. Aquele a quem se fala ou escreve”. Muitas mudanças semânticas e fonéticas, como a redução das formas “*Vossa Mercê*” até “*cê*”, ocorreram durante todo esse processo de alterações de cunho social e econômico, e por tal, assim como o “*vós*”, o “*Vossa Mercê*” também decaiu, posteriormente sendo expressão desprezível, utilizada para inferiores. Deu-se lugar, então, ao uso do *você*, pertencente ao sistema pronominal. No Brasil, a forma “*você*” passou a ser utilizada nas relações de hierarquia, a exemplo de funcionários e chefes, pais e filhos, alunos e professores, entre outros.

Tratando-se da forma pronominal “*você*”, nota-se que tenha ganhado espaço nos discursos tanto informais quanto formais, ao longo do tempo, atuando como facilitadora por direcionar diálogos e induzir ações. O que antes era usado em situações de tratamento, passou a marcar uma pessoa no discurso. O pronome enfoca bastante curiosidade em seu percurso devido à sua redução fonética, atestando que a diminuição do vocábulo ocorreu devido à expansão do seu uso ao traçar os caminhos do *Vossa Mercê*, *Vossemecê*, *Vosmecê*, *Vossuncê*, *Voncêm*, *Você*, *ocê*, e até mesmo *cê*, caracterizando um fenômeno conhecido como “Gramática Emergente”, ou seja, resultado e processo de uma língua viva que emerge, varia e muda, exemplificando que, “Nenhum indivíduo na verdade fala uma língua, nem o espanhol, nem o português, nem o inglês. Todos nós falamos uma variação dessas línguas.” (MOURA, 2007, p. 14).

Dentre as hipóteses elencadas por muitos teóricos que veem o uso do *tu* atrelado a situações de fala basicamente no extremo Sul do País, há ainda os que discutem acerca da sua variedade em quaisquer regiões do País. Segundo Bagno (2007, p. 47),

[...] algumas variedades usam TU como pronome de 2ª pessoa, enquanto outras usam VOCÊ; a maioria das variedades que apresentam o TU eliminaram a terminação –S na conjugação verbal (TU FALA, TU COME), enquanto outras (poucas) conservam o –S (TU FALAS, TU COMES), e por aí vai...

Trata-se de um uso simultâneo, em que o falante utiliza tanto a forma *você* quanto a forma *tu*, e por vezes, no imperativo verbal, suas formas possessivas e oblíquas, ao dirigir-se a uma segunda pessoa. “Para o estudioso de linguagem, todas as variedades linguísticas se equivalem, todas têm

sua lógica de funcionamento, todas obedecem a regras gramaticais que podem ser descritas e explicadas.” (Ibid., p. 48). Ao tratarmos do comportamento linguístico desses itens, atualmente poderíamos defini-los pelo viés discursivo, em que teríamos a forma *você* classificada semanticamente como pronome de segunda pessoa e, morfologicamente de terceira pessoa.

No português do Brasil, diante de tantas variações, aglutinações e erosões nos falares, observa-se que essas expansões acarretaram muitas consequências no sistema linguístico e no modo como tais transformações são avaliadas pelos pesquisadores, ratificando assim, a pluralidade e ao mesmo tempo, a complexidade do quadro dos pronomes. Dessa forma, Bagno (op. cit. p. 246-247), faz a seguinte análise:

[...] o *você* foi tomando o lugar antes ocupado pelo *tu*. Dois grandes quadros se delinearam então:

1- Em algumas variedades regionais, o *tu* permaneceu em vigor, mas dividindo o posto de pronome pessoal de 2ª pessoa com *você*. Nessas variedades ainda persiste uma sutil diferença entre o uso de *tu* e *você*: o pronome *tu* é usado preferencialmente na interlocução entre pessoas íntimas ou que ocupam lugar semelhante na hierarquia social (dois jovens por exemplo), enquanto o *você* é empregado quando se fala com uma pessoa desconhecida e/ou mais velha, por exemplo. Mesmo assim, é comum, num mesmo diálogo, as pessoas se tratarem alternadamente por *tu* e *você*.

2- Em outras variedades linguísticas (na maioria delas, de fato) o *tu* se tornou praticamente extinto, e o *você* passou a reinar, soberano.

Para uma análise mais apurada em conformidade com o dito pela Gramática Tradicional, buscamos também uma contextualização do pronome *você*. Sabe-se que outrora ele era considerado forma nominal e atualmente, como já mencionado, pertence às formas pronominais. Para explicitar sucintamente a trajetória desse pronome, citamos um fragmento da tese *OS (DES)CAMINHOS DO VOCÊ: uma análise sobre variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você (2008)*, de Valéria Viana Sousa:

[...] entre os séculos XIV e XVIII, a língua portuguesa não apenas registrou diversas formas de tratamento, mas alterou e muito a sua forma de tratar o interlocutor, saindo do sistema duo de tu/vós e vós para as formas de V+ nome qualitativo (Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Majestade). Essa época de ampliação e generalização do Vossa Mercê e, conseqüentemente, simplificação fonética, em Portugal,

culmina com a época na qual os portugueses vieram para o Brasil como colonos, na segunda metade do século XVI. Nesse século, com a massiva migração dos portugueses para o Brasil, os seus hábitos lingüísticos, como sabemos, também invadiram o repertório lingüístico dos nossos nativos. Tal processo de transformação ocorrido de *Vossa Mercê* > *você* não se deu de forma isolada, mas é perceptível que, ao tempo em que se configurava a mudança social, ocorriam também mudanças lingüísticas. Por essa razão, esse fenômeno é considerado como o resultado de uma mudança encaixada lingüística e socialmente. (p.29-30)

Temos aí um argumento que consolida a história do *você* em nossa língua, porém, não é apenas esse aspecto histórico que perpassa pela variação, aqui estudada. Por trás desses informes há outras questões de ordem sociocultural e individual que permeiam essas variações.

Diferentemente da função na escrita, a fala, por ser mais espontânea e não está totalmente presa aos padrões da norma culta, em especial nos momentos de informalidade, tende a ser vista com menos rigor, porém, isso não a impede de ser analisada mesmo nos âmbitos formais. No caso do pronome pessoal *tu*, por exemplo, que é visto por alguns teóricos como item restrito a variedades regionais, é usado tanto em esferas formais quanto informais. Sabemos que esse pronome é herdado do latim e seus usos e transformações estiveram atreladas às relações sociais. Historicamente falando, a forma *você* foi mais difundida do que a forma *tu*, pois, esta, permaneceu em sua classe de 2ª pessoa do singular e plural nos pronomes pessoais, sendo mais restrito o seu uso, e em meados dos séculos XIV e XV restringia-se ao tratamento de intimidade; enquanto o *você* traçou mais percursos transitando entre nome, pronomes de tratamento e formas pessoais. O *tu* já foi visto apenas nas relações de intimidade, mas as relações sociais foram transformando-se e deixou de haver consenso sobre o seu uso, embora algumas pesquisas observem que o fenômeno tenha aumentado. No Brasil, em regiões onde o *tu* é usado de forma restrita, ele é considerado ofensivo e desrespeitoso, a depender do interlocutor e da situação discursiva.

Há de se observar que fatores sociais e histórico-culturais interferem no comportamento lingüístico do *tu* e *você*, porém os processos históricos são fundamentais para se chegar a conclusões mais consistentes e entender como se delineou tais mudanças ou variações na língua

portuguesa e suas implicações no campo da sociolinguística, conforme delinearemos na seção seguinte.

1.1 ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Considerando a língua como um fenômeno social não apenas como instrumento de interação, mas também como produto da coletividade, é imprescindível analisar o uso do *tu* e *você* em uma perspectiva sociolinguística.

Comumente conhecida pelos estudiosos da língua e afins, a Linguística vem ocupando cada vez mais espaço na sociedade de um modo geral. No entanto, junto a essa abertura, tem-se também muitas críticas dos gramáticos mais conservadores e até mesmo dos leigos que apenas fazem uso taxativo de informações sem analisar os usos linguísticos à luz da teoria Sociolinguística. Há três décadas, o Brasil conta com pesquisadores linguistas empenhando-se na elaboração de teorias fiéis à realidade linguística do português brasileiro. Esses estudiosos comprovaram que no Brasil, de um escalão composto por seis formas diferenciadas, a exemplo: *Eu bebo/ Tu bebes/ Ele bebe/ Nós bebemos/ Vós bebeis/ Eles bebem*; modificou-se para apenas quatro formas: *Eu bebo; Tu/Você/Ele/a gente bebe; Nós bebemos; Vocês/Eles bebem*. Temos empregado nessa situação a redução das desinências verbais, cuja característica diz respeito às mudanças ocasionadas pela marca da oralidade dos falantes.

Mudanças linguísticas acontecem de forma bastante ampla, porém, nem sempre são percebidas como deveriam e acabam caindo no equívoco de serem taxadas apenas como “erro” e não como características da língua falada. No decorrer das mudanças no tratamento, houve modificações nas conjugações verbais. Por isso, a Linguística dedicou-se a tais fenômenos para compreender melhor esse instrumento de comunicação dos falantes. Observemos uma comparação acerca da conjugação verbal clássica, no pretérito imperfeito do indicativo:

eu escrevia	nós escrevíamos	} Seis pessoas gramaticais e cinco formas distintas.
tu escrevias	vós escreveis	
ele escrevia	eles escreviam	

Oralmente conjugada com a forma de tratamento *você*:

eu escrevia	nós escrevíamos	} Seis pessoas gramaticais e três formas diferentes.
<u>você</u> escrevia	<u>vocês</u> escreviam	
ele escrevia	eles escreviam	

Oralmente conjugada com o “a gente” em substituição ao “nós”:

eu escrevia	a gente escrevia	} Seis pessoas gramaticais e duas formas distintas.
<u>você</u> escrevia	<u>vocês</u> escreviam	
ele escrevia	eles escreviam	

Tais características exemplificadas acima representam o modo de falar das pessoas e passam a ser uma tendência do português culto do Brasil, que, por meio da sociolinguística, é estudada como uma transformação no sistema sintático da língua e não como erro, embora a ambiguidade ocasionada por essas conjugações assim as impulsionem. Para Bearzoti (2005, p. 13),

O uso generalizado de *você(s)*, em lugar de *tu* e *vós* faz com que um enunciado como *eu o encontrei* se torne ambíguo. Tanto pode significar *eu encontrei você*, como *eu encontrei uma terceira pessoa*. Por isso se teria também generalizado o uso do pronome pessoal *ele* em lugar dos pronomes átonos *o*, *a*, *os* e *as*.

A sociolinguística consegue dar conta de fatos extremamente diversificados de uma língua para outra, embora muitos pensem que o português se constitui em uma única língua universalmente utilizada e com formas engessadas. Com sua análise minuciosa consegue expor o verdadeiro uso das formas linguísticas, diferenciando-as do sistema tradicional. Por exemplo, o sistema de pronomes do português europeu é diferente do utilizado por nós, brasileiros. No Brasil, as ocorrências do “*tu*” se dão mais nas regiões periféricas, enfatizando que no geral, o “*você*” tomou conta do “*tu*”, e outros pronomes como o “*vós*” tem desaparecido, ocasionando a simplificação da morfologia do verbo, conforme afirmou Ataliba Castilho, em entrevista concedida ao Programa do Jô Soares, exibido na Rede Globo em 18.07.2011. Percebe-se então, como afirma Bagno

(2003, p. 17) que “nossa relação com a linguagem é muito mais profunda e complexa do que um simples ‘uso’”.

Assim como há vários gramáticos, cada um defendendo as teorias que embasam seus estudos e pesquisas, a dinamicidade da língua também faz surgirem teóricos da sociolinguística com posicionamentos diferenciados; alguns mais conservadores, outros renovadores. Estes, como Bagno (2007), defendem a tese de que a excelência da comunicação deve estar em primeiro lugar, nas questões da oralidade, desprezando por vezes, normas, regras e padrões: “[...] que as regras tradicionais de colocação pronominal são de uma tolice sem tamanho, e assim por diante.” (Bagno. op. cit. p.53) Diante de todo o exposto, tanto da gramática tradicional, quanto das concepções linguísticas, entende-se que ambas as teorias contribuíram para a pesquisa sobre a variação de uso dos pronomes “*tu*” e “*você*”. Cada teórico pôde dar a sua contribuição para uma melhor compreensão sobre os fenômenos linguísticos e gramaticais. Embora, a princípio, tenha parecido um *caos* linguístico, Tarallo (1990) diz que essas variações podem ser processadas, analisadas e, conseqüentemente, sistematizadas. É isso que buscamos ao longo deste trabalho. cremos que o papel do linguista é desvelar esses sujeitos falantes com base em cada uma de suas estratificações sociais, e por fim, essas diferenças linguísticas e extralinguísticas permeiam o perfil social da comunidade em questão, favorecendo ou não, a preferência pelas formas variantes que competem entre si.

No que diz respeito aos problemas que norteiam o estudo da variação do uso dos pronomes *tu/você*, apresentam-se em primeira instância as restrições, baseando-se no conjunto de possíveis mudanças e condições em que podem acontecer; o problema da transição, como o próprio nome diz, consiste em observar como a mudança linguística ocorre, se em estágios discretos ou contínuos; o encaixamento dá-se pela forma como a variação é introduzida na língua, para o acarretamento da mudança; o problema da avaliação se refere ao posicionamento de uma determinada comunidade linguística ao avaliar tal mudança e seus efeitos; já o processo de implementação direciona-se à mudança na estrutura social. Ambos sistematizam a variação e seu processo de investigação, culminando na dimensão sócio-histórico-cultural do fenômeno linguístico pesquisado.

Para Weinreich et al. (2009, p. 186–187), uma mudança linguística ocorre quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma direção e significado social, ou seja, sua continuidade está gerida e amplamente associada aos valores de determinados grupos sociais, em detrimento de outros. Portanto, é preciso que o pesquisador seja discreto e imparcial para que não haja nenhum tipo de interferência na transparência dos resultados obtidos ao término da investigação, visto que, a língua comumente falada em nosso meio de convívio não é homogênea e não transcorre uniformemente, ao contrário, deve ser vista a partir de um sistema social dinâmico que necessita de interação e mudanças para reafirmar-se como língua. Para Labov (2008), a língua vista como um sistema virtual pertencente a cada falante individualmente pode ser estudada e entendida a partir de um único falante; já a fala, ação individual, somente poderá ser compreendida em um contexto social, inserida em situações de interação com base nos critérios classificativos como faixa etária, sexo e escolaridade. Sendo assim, não haveria a história da língua dissociada da história de seus falantes.

A Sociolinguística conseguiu altivez a partir das descrições heterogêneas da língua, com suas ocorrências de variação e mudança, tornando-se o que hoje conhecemos por Teoria da Variação, tão explorada por Labov. Fato importante devido à constituição da variação linguística através da sincronia, embora somente a diacronia consiga fundamentar tais variações na existência discursiva. Para o linguista, “O modelo teórico-metodológico variacionista busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação inerente ao sistema linguístico, sistemática, regular e ordenada. Propõe-se explicitá-la, descrevê-la, relacionando-a aos contextos social e linguístico” (Ibid., p. 223-226). Dessa forma, uma pesquisa de base sociolinguística busca um levantamento de dados categóricos, com descrições da fala observada em diferentes contextos, para traçar um perfil da comunidade inserida na pesquisa e por meio dessas ações, vem contribuindo ao longo dos anos para um estudo mais efetivo sobre a língua, como podemos ver, em (HORA, 2004, p.19),

Uma das mais significativas contribuições dos estudos sociolinguísticos nos últimos anos foi a descoberta de que vários dialetos sociais são diferenciados entre si não apenas por conjuntos discretos de traços, mas também pelas variações nas frequências com que certos traços ou regras ocorrem. Estudos de dialetos sociais têm claramente indicado que a diferenciação dos dialetos não

pode ser indicada simplesmente por formulações categóricas. Não é mais possível, como tradicionalmente, indicar que algumas regras são obrigatórias e outras opcionais.

Isso reafirma a ideia de heterogeneidade na estrutura dos falares, enfatizando a importância das muitas alternativas que se tem, ao pronunciar enunciados variados e atingir o mesmo objetivo em diferenciadas situações significativas. Para a Sociolinguística, há um processo gradativo de mudança onde são confrontadas as formas mais inovadoras em detrimento das conservadoras; há também, um crescente contato entre essas formas, onde são excluídos os falares ditos ideais, de uma comunidade.

Para compreender tais processos de mudança e variação, principalmente no que se refere ao processo de transição de pronome de tratamento para pronome pessoal, fez-se necessária uma abordagem sociolinguística, que “[...] tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis” (LUCCHESI, 2004, p. 66). No decorrer da pesquisa, fizemos uso do aporte teórico da sociolinguística, norteando-nos por seus fundamentos e buscando conceber a língua como um fator de convívio social e por tal, analisamos fatores internos e externos que propiciam a ocorrência do fenômeno observado. Para desenvolver estudos sobre a língua, tem-se diversas teorias que podem dar suporte durante a análise, como as de Weinreich, Labov e Herzog (2009) enfatizando a heterogeneidade da língua. A teoria variacionista deve explicar, descrever e estabelecer uma relação sócio-histórica e cultural com a língua falada e seus usuários, uma vez que, toda mudança se origina de uma variação pressuposta de um processo histórico e como ratifica Tarallo (1990, p. 64):

um outro princípio deverá reger nossas investigações: o da uniformidade. Segundo esse princípio, as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuaram no passado, e vice-versa. Portanto, uma teoria da mudança linguística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente. Em outras palavras, inicia-se o processo de investigação no presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise. Trata-se de uma viagem de ida e volta.

Do ponto de vista da história do comportamento linguístico dos pronomes *tu* e *você* no português brasileiro, nota-se que não se pode falar em mudança linguística, mas de um processo de variação que há muito tempo se desencadeou na norma linguística brasileira.

A seguir, uma descrição do comportamento do *tu* e *você* exposto pela norma gramatical.

2 UM ESTUDO SINCRÔNICO DO *TU* E *VOCÊ* NO PORTUGUÊS: o que diz a norma gramatical

Em um trabalho de natureza sociolinguística, há o confronto de duas normas. Uma norma que considera o uso do falante em situações concretas de interação. Neste ponto, temos a concepção de norma como normalidade comum aos falantes, ou seja, esta é a norma de uso dos falantes. A segunda concepção de norma como prescrição, aquilo que as gramáticas determinam, considerando o certo pelo errado.

Para este trabalho, adotamos a norma de uso, mas julgamos necessário observar como os pronomes *tu* e *você* são vistos pelas gramáticas. Ao iniciar uma pesquisa acerca da variação de uso dos pronomes *tu* e *você*, fez-se necessário um estudo a respeito das definições e usos desses pronomes prescritos pelos gramáticos. As gramáticas apresentam a definição dos pronomes, cujos empregos deixam uma lacuna no que diz respeito à explicação contextual e variação de uso. Tem-se a ideia de que tal utilização encontra-se padronizada e sem interferências dos falantes da língua. Esse fato chama à atenção, pois o usuário da língua é o modificador que norteia o seu desenvolvimento estrutural e, por vezes, se quer utiliza as regras fundamentadas nas Gramáticas Tradicionais, aqui tratadas por GT's.

Nesse sentido, percebe-se que há uma distância entre o que se prega na teoria e o que ocorre na prática. A seguir, elencamos os usos e classificações do pronome *tu* e *você*, segundo as normas da GT, baseadas em Cegalla (1990), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009).

Na visão de Cegalla (1990), o *tu* é classificado como pronome pessoal do caso reto, com função subjetiva à segunda pessoa do singular, ou seja, com quem se fala. Segundo o autor, os “Pronomes pessoais são palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do discurso.” (Ibid., p. 159) Dessa forma, empregam-se como sujeitos. Para dar conta do *você*, o gramático menciona que “Entre os pronomes pessoais incluem-se os chamados *pronomes de tratamento*, que se usam no trato cortês e cerimonioso com as pessoas”. (Ibid., p.152) Apresenta como primeiro exemplo o *você*, representado por (v.), mencionando que deve ser utilizado no tratamento familiar. Observa-se ainda que o autor chama a atenção para que, embora o pronome *você* seja de segunda pessoa, deve-se usar com as formas verbais da terceira pessoa.

Exemplificando, teríamos: Você pode estudar e alcançar seus objetivos. Cegalla finaliza suas considerações acerca dos pronomes, trazendo a seguinte observação: “*Você* (pl. *vocês*), usado no trato familiar e íntimo, é a redução de *Vossa Mercê*.” (Idem). A ideia que se tem do referido autor apresenta um pouco do que foi visto no Capítulo I, reforçando os aspectos de um estudo diacrônico, pois ele menciona o uso embasado na origem do pronome, e como ele foi se substituindo. Pode-se dizer que tal conceituação transita apenas pelo tradicionalismo e foca tão somente as normas gramaticais.

Cunha e Cintra (2001) dedica em sua obra um capítulo aos pronomes e nele há uma subdivisão para tratar dos pronomes pessoais e de tratamento, expandindo o foco para uma visão mais heterogênea sobre o *tu* e o *você*. Nessa gramática, o *tu* é classificado como pronome pessoal de segunda pessoa do singular, indicando com quem se fala e podendo variar de forma segundo a função que desempenha na oração e a acentuação que nela recebe. O autor ressalta que “A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3ª pessoa.” (Ibid., p. 276). Quanto ao emprego do *tu*, pode ser: SUJEITO > “Se és **tu**, meu pai, eu vou contigo... (A. de Guimaraens, OC, 58.)” (Ibid., p. 281) e sendo sujeito pode ser omissa, pois as desinências verbais são suficientes para indicarem a pessoa a que se refere o predicado, como em estudas, comes. E pode ser presente em duas situações: para chamar a atenção para a pessoa do sujeito: “Sim! **tu** sabes ligar-me a todos os teus crimes. **Tu** me sopras todos os pensamentos maus, **tu** me apontas o abismo... (Castro Alves, OC, 643.)” (Ibid., p.283) e para opor duas pessoas diferentes: “[...] **Eu** calo-me – **tu** descantas, **Eu** rojo – **tu** te levantas, **Tu** és livre – escrava **eu** sou!... (Castro Alves, OC, 273.) (Idem); PREDICATIVO DO SUJEITO > “Meu Deus!, quando serei **tu**? (J.Régio, ED, 157)” (Idem); VOCATIVO > “Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso, De quem o amor sublime enaltece o universo... (A. de Guimaraens, OC, 313.)” (Idem).

O *você*, sob a ótica de Cunha, é um pronome de tratamento que vale por “verdadeiros pronomes pessoais” (Ibid., p. 289) e pode ser empregado na função de sujeito, de agente da passiva e de adjunto: “- **Você** amanhã não vá às ceifas. (A. Ribeiro, M, 354.) e “- Deixem-me ir com **vocês**! (Luandino Vieira, NM, 78)” (Ibid., p. 294). Estende-se ainda às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo por vezes, as correspondentes átonas *o*, *a* e *lhe*. Exemplos: “- Há

uma hora estou esperando **você** sozinha, neste escritório. (C. dos Anjos, DR, 32.)” e “– Devo a **você** e ao doutor Rodrigo. (J. Amado, MM, 229.)”. “Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa: - Onde é que **vocês vão?** (Luandino Vieira, NM, 78)” (Ibid., p.290).

Interessante perceber na sua gramática, Cunha e Cintra emprega um tópico inteiro falando somente sobre o emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa (tu e você):

No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso do *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.(CUNHA; CINTRA, 2001, p. 291-292)

Observe que Cunha e Cintra associam os pronomes de tratamento aos pronomes pessoais, aproximando-se assim, da prática utilizada pelos falantes, que fazem esse uso no dia a dia. O autor caracteriza esses pronomes por fazerem alusão ao interlocutor, embora estejam sempre acompanhados pelo verbo na 3.ª pessoa do discurso. Mesclando entre o tradicionalismo gramatical e a renovação linguística, Cunha e Cintra (2001) conduz a discussão pelo viés de uma classificação semântica.

Bechara (2009) diversifica uma conceituação puramente tradicional acerca do *tu* e *você*. Primeiramente, ele se refere aos pronomes como a “classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras

palavras do contexto.” (Ibid., p. 162). O *tu* é classificado como uma pessoa do discurso, segunda do singular, que corresponde ao ouvinte e semanticamente indicam *dêixis* definida, ou seja, “o apontar para”. O autor explica que, apesar de a segunda pessoa estar consagrada dentro do discurso, ela pode ser utilizada fora da elocução, tornando-se impessoal. “É um *você* ou um *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente” (Idem). Para exemplificar, o autor cita um fragmento: “Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (=”eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. [...]” (Idem).

O *você* é exposto apenas como “Forma de Tratamento” no tratamento familiar. Para tal classificação, o autor diz que “Existem ainda formas substantivadas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*.” (Ibid., p. 165). Entende-se neste caso, o fenômeno da concordância entre pessoa e verbo, ou seja, o autor traz à tona o célere acontecimento de fazer uso da forma de tratamento “*você*”, que para a nossa comunidade de fala está expansivamente atrelada ao “*tu*”, associada ao verbo flexionado em 3.ª pessoa. Vejamos um exemplo extraído de diálogo observado:

FX: *Tu pegou a xerox que a professora deixou?*

FY: *Eu não! Tu queria, era? [...]*

Fazendo uma análise, observa-se que há uma heterogeneidade na classificação dos pronomes pelos gramáticos. Um exemplo bastante simplificado concentra-se na definição do pronome “*você*”. Ele pode ser classificado como um pronome pessoal de 2.ª pessoa do caso reto indireto; morfologicamente como pronome sujeito de 3.ª pessoa; e ainda como pronome de tratamento, assim como *senhora*, *senhorita*. Em relação à última classificação, há a interposição do falante, cuja avaliação na região pesquisada, entende esse uso como um tratamento de “falta de respeito” se usado com familiares, devendo, pois, ser inseridos em casos de impessoalidade e informalidade. Observando a definição dos pronomes de tratamento apresentada, por Cegalla (1990), e contrastando com a avaliação feita pelos falantes observados, exclui-se, então o “*você*” do tratamento cortês para com as pessoas. Porém, ao analisar a exposição de Bechara (2009), ao

dizer que as formas “*você*”, “*vocês*” é utilizado para tratamento familiar, tem-se ainda uma dualidade de sentidos, uma vez que o falante, na prática, discorda dessa afirmação, optando pelo uso das formas *Senhor* e *Senhora* para o trato familiar com superiores. Questões como estas levam sempre à comparação do que rege a teoria e a prática em relação aos usos e desusos da Língua Portuguesa no Brasil.

Para a concepção da GT, tais enunciados estão à margem da “norma culta”, pois não fazem o uso devido da concordância verbal. Segundo Bechara (2009), “A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos dicionaristas esclarecidos.” (Ibid., p. 52). Se o falante, ao invés de construir o enunciado “*Tu pegaste a xerox que a professora deixou?*” opta por empregar a 2ª pessoa do singular (*tu*) concordando com o verbo cujo tempo está no Perfeito do Indicativo (*pegou*) e que deveria se referir à 3.ª pessoa do singular (*ele*), obviamente, foge aos padrões elencados pelos estudiosos conservadores da estrutura da língua. Rocha Lima (1985), por exemplo, em sua Gramática normativa da Língua Portuguesa, afirma: “Fundamentam-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustrativas põem o seu ideal de perfeição, porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou.” (Ibid., p. 6) Talvez nessa citação esteja a explicação para essa “descaracterização” da norma culta, vista pelos gramáticos, uma vez que, conforme nos apresenta Bagno (2003), “O impacto da linguagem literária sobre uma sociedade como a brasileira, por exemplo é ínfimo. Tradicionalmente, somos um povo que lê pouco: nossas práticas sociais, mesmo entre as classes abastadas, sempre foram muito mais guiadas pela oralidade do que pela cultura livresca.” (Ibid., p. 48). Mas não nos deteremos sobre tais aspectos, visto que o objetivo central dessa pesquisa é avaliar e discorrer acerca da variação do uso do “*tu*” e “*você*” e não a concordância verbal com a segunda pessoa do singular no discurso, embora um assunto sempre desencadeie outro.

Considerando o exposto neste capítulo, no geral, as gramáticas normativas brasileiras tendem a registrar o “*você*” como pronome de tratamento e o “*tu*” como segunda pessoa do singular do pronome pessoal do caso reto. Cunha e Cintra (2001, p. 282) também classificam a forma “*você*” como equivalente a pronomes pessoais, visto que, apesar de referirem-se à pessoa com quem se fala, devem ser acompanhados por verbos flexionados na terceira pessoa.

Em busca de um referencial que pudesse demarcar mais especificidades em relação ao pronome “*tu*”, encontramos, em Cunha e Cintra (2001, p. 292), relatos de que o uso dessa partícula está restrita em algumas cidades da região Norte e ao Sul do Brasil, nas demais regiões brasileiras ela foi substituída pelo “*você*”. Cabe ressaltar a não totalidade dessa informação, já que, em algumas regiões, a exemplo do Nordeste, mais precisamente no Estado do Pernambuco, os falares são regidos pelo uso do “*tu*”. Reiterando a discussão, Faraco (1996, p. 52) diz que: “as mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com as mudanças nas relações sociais e valores culturais.” Ainda mencionou que o tratamento do interlocutor no português antigo e no latim eram semelhantes, o “*tu*” era utilizado para referenciar o singular menos formal, o “*vós*” era o oposto, referia-se ao singular formal ao se dirigir a um interlocutor, porém também era utilizado para o plural, com mais de um interlocutor. Então não podemos padronizar e menos ainda, eternizar situações de fala de uma população, sendo que a mesma está em constante processo de variação e mudança.

As gramáticas tradicionais costumam apresentar informações delimitadas sobre as formas pronominais de segunda pessoa, exibindo apenas uma relação sucinta de pronomes, sem levar em consideração as diferenças manifestadas no uso. Talvez esse seja um dos fatores que justificam o diferenciado emprego dos pronomes ao realizar a concordância entre os termos da sentença escrita. Conforme Cunha e Cintra (2001), o português apresenta-se como uma língua viva, diferenciando-se em variedades que divergem em relação à pronúncia, à gramática e ao vocabulário, porém, tais diferenças não impedem a unidade superior do idioma. No Brasil, há diferentes estudos e pesquisas acerca das transformações fonéticas, lexicais e morfossintáticas que abordam e, por vezes, justificam as variações na língua, incluindo o sistema pronominal, cujo emprego gramatical atualmente, está estritamente relacionado a fenômenos linguísticos, mas cabe ressaltar, que todo esse estudo é proveniente dos dizeres focados pelas normas gramaticais que não são seguidas. A exemplo temos o ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) que visa um estudo sobre o uso da Língua Portuguesa nas diferentes regiões do país, dentre outras pesquisas que abordam diversos itens lexicais de uso estigmatizado. É interessante observar que, apesar de ser feito um estudo linguístico a gramática sempre se faz presente, visto que, não há pesquisa linguística sem haver noção do que seja a norma gramatical.

Com base no mencionado acerca dos manuais gramaticais consultados, pudemos perceber que, embora houvesse determinada variação de definições e usos, o pronome pessoal e de tratamento, etimologicamente, mantiveram sua função de substituição de nomes, sendo que, para a GT, essa é a função primordial, embora também sirva para acompanhar os nomes. Referindo-nos ao item pronominal *você*, constata-se que foi posto juntamente com os pronomes de terceira pessoa e o seu surgimento registra uma mudança bastante significativa, pois marca o inevitável: presença do sujeito em construções em que não há compreensibilidade. Como exemplo, “Vem”. Em que a intenção poderia ser “Você vem” e ainda “Tu vem” (sem a desinência verbal adequada - S). Outra profusão dessas normas, abandonadas pelo uso, que abordam a utilização do *tu* e *você*, está na propaganda da Instituição Financeira Caixa Econômica Federal, cujo slogan diz: **“Vem pra Caixa você também. Vem.”** Nele, há uma mistura bastante comum que ocorre na utilização desses pronomes: **“Vem (TU) pra Caixa VOCÊ também. Vem.”** Dessa maneira, entendemos que norma e uso percorrem juntos os caminhos da língua portuguesa. Veremos, a seguir o comportamento do *tu* e *você* nos usos linguísticos.

2.1 A CONVIVÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA DO *TU* E *VOCÊ*: uma análise sincrônica

A versatilidade diante dos estudos que visam a uma abordagem da língua portuguesa contribui para a socialização e liberdade de uso dos recursos utilizados pelos falantes na interlocução dos enunciados orais. Assim, podemos abordar uma característica marcante que se consolidou desde a pesquisa de ordem diacrônica e pôde ser melhor visualizada no âmbito sincrônico: a alternância do *tu* e *você* no português brasileiro. Ao longo da pesquisa, pudemos entender que a dimensão do uso e suas características sociais, culturais, regionais, fatores de idade, gênero e escolaridade dão margem a compreensões distintas e inigualáveis em relação às classificações de uso da língua, no que diz respeito à utilização dos pronomes referidos. Veremos adiante, mediante pesquisa denominada “estado da arte”, quão significativa e diversificada é a abordagem de tais itens em pesquisas já realizadas.

No Nordeste, por exemplo, há pesquisadores que analisam, de forma sincrônica, as formas de tratamento produtivas na fala, e veem o uso do *Tu*, *Você*, *Senhor* como pertencente a

um sistema “ternário”, em que o falante opta pelo uso adequando-o à situação discursiva. A autora do estudo, Soares (1980) mostrou que na cidade de Fortaleza – CE, o *Tu* é mais produtivo e o *Você* se enquadra em situações mais formais, ficando a concordância relativa ao nível de escolaridade de cada falante; Bezerra (1994) buscou analisar o grau de variação do *Tu* e *Você* no discurso infantil da Paraíba e constatou que a primeira forma obteve mais evidência; Pedrosa (1999) dedicou-se ao estudo da concordância verbal com o pronome *Tu*, em João Pessoa – PB, constatando tendência à não realização da concordância. No Norte do País, também há trabalhos que constata a utilização pronominal referente ao *Tu* e *Você*. Vejamos: Soares & Leal (1993) pesquisaram as formas de tratamento utilizadas nas relações de pais e filhos entre professores e funcionários da Universidade Federal do Pará, em Belém e constatou a preferência alternada do *Tu* e *Senhor*, percebendo ainda, que, para se dirigir aos pais os filhos de professores optam mais pelo *Tu*, enquanto os filhos de funcionários usam o *Senhor*.

A região Sudeste apresenta sua contribuição sincrônica através de Paredes e Silva (2003), cujo trabalho busca analisar a variação entre *Tu* e *Você* nos falares cariocas, baseado nas hipóteses de que o *Tu*, utilizado para fazer referência ao interlocutor, compete com o *Você*, teoricamente desgastado no que se refere à fonética; Modesto (2007) descreve e analisa a alternância das formas *Tu* e *Você* na cidade de Santos – SP, nesta, o *Você* apareceu em maior proporção que o *Tu*; Mota (2008), pensando nas motivações de uso, analisa o *Tu/Você* em São João da Ponte, região de Montes Claros – MG; Lopes (2008) averigua a coexistência das formas *Você* e *Tu* no Rio de Janeiro. Para não ficar à margem e mostrando seu aspecto variacionista, a região Centro-oeste traz as contribuições de Lucca (2005), analisando a variação de estilo no uso da segunda pessoa, a variação do *Tu* e *Você* na fala dos jovens de Brasília; Dias (2007) analisa essa alternância, também na fala brasiliense, de acordo com os pressupostos da fala brasiliense. Por fim, a região Sul, representada por Loregian-Penkall (2004), investiga as formas *Tu* e *Você* na função de sujeito pronominal em expressões nula e plena. Assim como em outras regiões, há a dedicação em verificar a concordância verbal de segunda pessoa do singular, que em Pelotas – RS, é vista por Amaral (2003). Vejamos um quadro que sintetiza as informações:

Quadro 1- O tu e o você no Brasil: algumas pesquisas...

REGIÃO	AUTOR(A)	COMUNIDADE DE FALA	RESULTADOS		
			TU	VOCÊ	
NORDESTE	SOARES (1980)	Fortaleza - CE	Mais produtivo	Situações formais	Concordância a depender da escolaridade.
	BEZERRA (1994)	Paraíba	Mais evidente		
	PEDROSA (1999)	João Pessoa - PB	Não realização da concordância		
NORTE	SOARES & LEAL (1993)	Pará	Preferência alternada: Tu e Senhor		Filhos de professores p/ pais: usam Tu Filhos de funcionários p/ pais: usam Senhor.
SUDESTE	PAREDES E SILVA (2003)	Rio de Janeiro	Compete com a forma você	Forma desgastada	
	MODESTO (2007)	Santos – SP	—————	Maior proporção	
	MOTA (2008)	São João as Ponte – MG	Forma resistente	Função de sujeito	Motivações de uso.
	LOPES(2008)	Rio de Janeiro	Usado por homens jovens	Generalizado	Coexistência das duas formas.
CENTRO OESTE	LUCCA (2005)	Brasília – DF	Mais frequente entre jovens	Para relações sociais	Varição de estilo em jovens.
	DIAS (2007)	Brasília - DF	Expansão de uso		Alternância no uso.
REGIÃO SUL	LOREGIAN – PENKAL (2004)	Florianópolis e Porto Alegre- SC- RS	Argumentação e discurso determinado	No discurso indeterminado	Ambos com função de sujeito pronominal em expressões nula e plena.
	AMARAL (2003)	Pelotas - RS		Pouco significativa	Concordância verbal de 2ª pessoa do singular é variável

Fonte: RUMEU, Marcia Cristina de Brito. Tese (Doutorado) A Implementação do “Você” no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Painel.

Tais pesquisas contribuem como ponto de referência no intuito de situar o leitor acerca das diversidades existentes Brasil a fora, e mostra também os pontos de convergências entre regiões geograficamente distantes.

Mediante apanhado acerca dos trabalhos de ordem sincrônica, que se referem ao pronome de segunda pessoa do singular (*tu*) e o pronome ora intitulado por tratamento (*você*), percebe-se que, embora haja focos divergentes, todas as pesquisas giram em torno da variação do uso no português brasileiro. Em geral, o *tu* é demarcado em situações comunicativas em que há uma maior presença de relações interpessoais e íntimas, enquanto a forma *você* evidenciou-se como uma forma utilizada em situações menos agressivas e com certo aspecto apaziguador. Apesar de essas duas formas *tu/você* conviverem no mesmo cenário, as pesquisas mostraram significativa tendência em relação ao paradigma sexo/variação de uso, mostrando que as mulheres tendem a conservar o *você*, ao tempo que os homens preferem o *tu*. Poderíamos dizer que há uma concorrência entre as duas formas, mas o que pudemos visualizar dá margem a uma análise que classifica o fenômeno linguístico como variação e até mesmo “convivência” das formas *tu* e *você* em contextos distintos ou não.

No decorrer desse trabalho, nota-se que o século XX subsidia essa concorrência, contrastando o estudo diacrônico com o sincrônico, e ilustrando essa mistura de tratamento.

Segundo Marcia Cristina de Brito Rumeu (2008), na sua Tese de Doutorado “*A implementação do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista: Um estudo de painel*”,

A complexidade dos usos tratamentais, como se sabe, não se limita ao valor semântico-social que uma determinada forma de tratamento carrega em si, mas aos valores que os indivíduos podem atribuir a elas nas diferentes situações comunicativas travadas no âmbito social que, por si só, são também demasiadamente complicadas. (p.56)

A autora justifica o fato de haver oscilação nas formas de tratamento e mostra a complexidade em relação ao uso do *tu* e *você* como pronome de tratamento. Atualmente, já ocorrem evidências em que um substitui o outro sem que haja mudança de sentido ou estranhamento nos enunciados. Isso porque, a língua não foi estudada apenas com uma configuração interna, mas sim com o olhar voltado para o social, obedecendo aos critérios heterogêneos e suas manifestações variáveis, analisando e descrevendo conforme os níveis sócio-culturais por período, construindo assim, sincronias que a *posteriori* contribuem para o estudo diacrônico.

É pertinente observar, com base nos estudos diacrônicos, que o *tu* tenha se estabelecido antes do *você*. E isso desperta para o questionamento se a variável gênero contribuiu para o progresso ou atraso da utilização dessas variantes, visto que a opção por quaisquer das formas está estritamente ligada à hipótese Laboviana (1990), cuja afirmação reflete nos processos variacionistas em que a pessoa do sexo feminino tende a optar pelas formas da norma padrão, não estigmatizadas, mostrando-se mais conservadora, enquanto o masculino costuma ter flexibilidade e incorporar inovações na fala, embora esta afirmação seja relativa nos dias de hoje, uma vez que a mulher, devido sua maior participação social, inovou seu comportamento. Assim, constata-se a influência da mudança linguística sobre o passado, reafirmando tal influência sobre a realidade atual em seus usos e desusos. Em artigo intitulado “O jovem ‘tu’ vence o ‘você’”, Henrique Braga e Marcelo Módulo² expõem acerca dessa convivência das formas aqui discutidas. Para os pesquisadores, “[...] estão em jogo diferentes níveis de formalidade: coexistindo ambos os pronomes, cada um desempenha diferente papel. ‘Tu’ tende a ser usado em situações de maior simetria entre os interlocutores. Havendo algum tipo de distanciamento, entretanto, recorre-se ao pronome ‘você’.” (p.48). Vê-se, notoriamente, que há convivência das duas formas em situações comunicativas diferenciadas.

Por meio da Sociolinguística Variacionista, sob à luz da teoria laboviana, a língua passou a ter uma conotação maior referente à sua função social e manteve seu foco não apenas na mudança linguística já efetivada, como também na progressiva variação. O que antes era visto apenas como estrutura interna, torna-se expandida a ponto de ser descrita e analisada tanto em nível estrutural quanto em nível social, embora tais fatores não se limitem a valores semânticos e sociais pertinentes a cada forma de tratamento individualmente, mas sim, aos valores que lhes são atribuídas, conotando-as a depender da situação discursiva. Sabemos que as mudanças linguísticas e suas alterações iniciam-se primeiramente na oralidade. Através da fala, os registros textuais são feitos, e isso implica um processo cíclico de análise e re-análise, pois, o que passar a ser documentado pela escrita serve, muitas vezes, como objeto de crítica para “consertar” a

²Henrique Braga é doutorando na Área de filologia e Língua portuguesa da USP, professor e autor de materiais didáticos do Curso Anglo Vestibulares; Marcelo Módulo é professor e pesquisador na área de filologia e língua portuguesa da USP. Artigo publicado Língua Portuguesa, n° 75, ano 7, Ed. Segmento.

própria fala. A convivência do *tu* e *você* não foge à regra, também passou por um processo de transformação, a qual percorreu a trilha de disputa entre essas duas formas variantes. Ocorre que, uma delas tende a cair em desuso, mas ambas passaram pela variação histórica para posteriormente ocorrer a mudança linguística de fato. Para Tatiana Napoli, em seu artigo “Abismo do padrão”,³

A forma preexistente ao processo de variação é chamada de “forma conservadora”; a forma de variação, de “forma inovadora”. Mesmo as mudanças linguísticas mais profundas são lentas e graduais, o que, por um lado, significa que, em algum nível, a língua está sempre mudando; por outro lado, a língua é a mesma, porque sua unidade permanece inalterada.

Diante do exposto, confirma-se que as formas convivem na fala dos falantes que a dominam. Conforme pesquisas, muitos estudiosos da área de diversidade linguística e norma-padrão chamam a atenção para o fato de que essa “norma” (a qual determina o quê e quando usar) foi construída envolta pela supervalorização da escrita, enquanto a fala, embora determinasse o verdadeiro uso da língua, era deixada de lado. As mudanças linguísticas também eram vistas como empobrecimento ou corrupção da língua. Atualmente, com o fluxo e desenvolvimento das pesquisas, conta-se com uma construção de definições que permitem o esclarecimento e abertura para esse estudo sincrônico, desmistificando assim, a falsa ideia de homogeneização da língua e o tratamento da variação como meros desvios de padrão.

No que diz respeito às contribuições para o estudo sincrônico dessas variações, Labov (1990) teoriza acerca das análises em um curto espaço de tempo, em que a opção do *tu* ou *você* seria observada em um dado período, de acordo com o papel social de cada falante na comunidade em que se encontra, mas sem ignorar seu processo de construção. Sendo assim, conforme o capítulo anterior, o *tu*, devido ao seu percurso histórico, hoje é visto com caráter “conservador”, ao passo que o *você*, desencadeia um papel inovador no discurso, em relação ao sistema de pronomes no português brasileiro. Em relação à função, o *você* tende a ser usado com a mesma função do *tu*, e por ter surgido após este, foi previsto por Labov (*op.cit.*) como “variante

³Artigo publicado na Revista Língua Portuguesa, n19, São Paulo: Escala Educacional. P.60.

não-padrão”. O *você* ocupa o lugar de pronome de segunda pessoa do discurso, sendo sujeito de referenciação determinado e, por vezes, indeterminado. Exemplo: “*Quando a pessoa tá na orquestra, você aprende diversas coisas [...]*” (F.8) Ele ainda rege o verbo para a terceira pessoa do singular, estabelecendo concordância e faz referência a uma segunda pessoa do discurso, haja vista ser uma forma nominal de tratamento. O mesmo ocorre com o *tu*, embora se note sua referência à segunda pessoa do discurso.

Observa-se que a utilização das formas *tu* e *você* apesar de distintas, se apresentam, praticamente, nos mesmos contextos morfossintáticos. Fator que nos motiva a analisar as mudanças linguísticas através do seu uso e possibilitar a reflexão acerca da variação ser realmente o “estado natural” das línguas. Egon de Oliveira Rangel explicita que,

É nessa perspectiva, também, que a mudança linguística se mostra, não como fruto do acaso ou mesmo dos movimentos, necessidades e percalços vividos pela comunidade em questão, mas como desdobramento regular e previsível de uma potencialidade da própria língua.⁴

Importante perceber que tais mudanças vão se estabelecendo mediante movimentos sociais, muitas vezes tensos, e se fixam pela própria essência que subsidia as pesquisas sociolinguísticas. Vejamos essa consideração acerca da reconhecida oscilação entre o “*tu*” e o “*você*”:

Apontas-me, como crime, a minha mistura de “*você*” com “*tu*” na mesma carta e, às vezes, no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o “*tu*” entra na frase que é uma beleza; outras é no “*você*” que está a beleza – e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão – como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o “*tu*” com “*você*” como sempre fiz – e como não faz o Macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrário⁵.

⁴ Citação extraída do prefácio “Tudo na língua é por acaso” do livro *Nada na Língua é por Acaso*, de Marcos Bagno (2007).

⁵ Trecho de Carta redigida por Monteiro Lobato, em São Paulo, 07/11/1904, ao amigo Godofredo Rangel e publicada na Revista Língua Portuguesa. In: Revista Língua Portuguesa, Ano III, Número 27, p.38, Janeiro de 2008.

Trata-se de uma carta redigida num período remoto, porém, nos traz o perfeito exemplo desse comportamento linguístico dos itens aqui mencionados, ilustrando uma característica da fala em situações informais, que é a mescla de tratamentos. Vale ressaltar que “As pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil tem mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o **grau de escolarização** que, em nosso país, está muito ligado ao **status socioeconômico** [...]” (BAGNO, 2007, p. 44). Em suma, têm-se os pronomes *tu* e *você*, como: Item Lexical; Forma Nominal de Tratamento; Forma Pronominal de tratamento; Forma Pronominal de 2ª Pessoa e Estratégia de indeterminação do sujeito.

Após todo esse embasamento teórico trilhado no intuito de fundamentar uma discussão que possibilite uma descrição dos dados coletados acerca dos usos dos pronomes *tu* e *você* na comunidade de fala de Jacobina-Bahia, vejamos a análise no capítulo seguinte.

3 TU E VOCÊ NO FALAR JACOBINENSE: uma análise variacionista

Estudos já revelaram que a Língua está estritamente relacionada à sociedade e que as condições de vida, condições sociais, influenciam amplamente no modo de falar de cada indivíduo, e isso se refere também ao modo como uma mesma linguagem é diferentemente empregada por grupos distintos ou ainda, pelo mesmo grupo e comunidade de fala. A grande preocupação está em entender quais razões estão por trás da variação na fala espontânea, uma vez que já se sabe da sua real existência. Assim, destaca-se a dualidade entre as formas mais aceitas (linguagem gramaticalizada utilizada em situações formais, em escolas, ambientes de trabalho, entre outras.) e as mais estigmatizadas (essas fogem ao padrão da norma gramatical, incorporando os aspectos linguísticos e extralinguísticos que efetivam a comunicação informal entre os falantes e são utilizadas amplamente no cotidiano mais íntimo). Sobre isso, Edmilson José de Sá, em seu artigo *Língua e Sociedade*⁶, relata que,

As relações sociais, que reúnem e integram pessoas e grupos, nascem na vivência do cotidiano coletivo. A partir da singularidade das situações do dia-a-dia, configuram-se as interfaces que aproximam as práticas comunicativas e a formação social da realidade e que se instalam na subjetividade individual para aflorar na unificação do senso comum. Para relacionar a língua à sociedade, os teóricos especialistas na área afirmam que a estrutura social pode influenciar ou determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, o que prova que os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua.

A partir de então, vê-se a língua não apenas como um mero instrumento capaz de promover a comunicação, mas como um veículo de relações sociais. Há quem diga que ela tem o poder de aproximar e afastar as pessoas, haja vista, a condição econômica e social esteja atrelada ao seu uso.

As análises aqui realizadas, ao longo da pesquisa, bem como, os dados coletados, que serão expostos na seção subsequente, revelam que a própria estrutura linguística não mais permite o compartilhamento e usos de normas indiscriminadamente por grupos, de modo único. Seus usos e elementos da língua aludidos refletem a própria mudança do tempo e ao processo

⁶ Artigo “Língua e sociedade”, publicado na revista *Língua Portuguesa* nº16, ed. Escala Educacional.

extralinguístico que justifica a diversidade de falares de uma determinada comunidade, possibilitando assim, que o próprio falante compreenda a variedade de expressões linguísticas e suas inferências nas situações comunicativas. Não é inusitado que as línguas, em especial a portuguesa do Brasil, vivam em processos de variação, e tais variações percorrem a trilha das mudanças sociais, portanto, área da sociolinguística. Por se tratar de uma análise linguística sob a perspectiva social, faz-se necessário incorrer os olhares sob o viés da Teoria da Variação, mas isso não significa submergir as regras gramaticais. Por meio do simples processo de comunicação os indivíduos aprendem e compartilham sua função social, e esta, por vez, molda sua comunicação através do contexto socioeconômico em evidência. De modo geral, a fala também é polida de acordo com a identidade cultural, o meio social no qual o cidadão está inserido, mas isso não impede que ela seja variada em momentos de formalidade e informalidade.

Dentro de uma dada comunidade, como Jacobina, é possível identificar variedades que se limitam pelo aspecto geográfico, outras assumem sua definição apenas pelos fatores como idade, grau de escolaridade, gênero, posição social e profissão, manifestando-se em diferenciadas variantes socioculturais. Para a Teoria da Variação, em relação às variáveis sociais,

Assim, podemos analisar a língua falada do ponto de vista *diatópico*, que relaciona o espaço físico a fatores linguísticos em que se observam as diferenças entre falantes localizados em direções geograficamente opostas, e à maneira *diastrática*, que engloba fatores de identificação social do falante e a relação com sua comunidade.⁷

Assim, percebe-se que não há como dissociar o estudo linguístico do gramatical, uma vez que as variedades linguísticas que se manifestam nas diferentes falas representam importante campo de estudo para o léxico, morfossintaxe e fonologia. A oralidade está muito presente em todas as etapas dessa teoria e é por meio dela que se consegue obter resultados tão significativos que não somente classificam, como também auxiliam na construção da identidade de uma determinada comunidade. Esse estudo, por vezes, culmina na autoafirmação de um povo, pois a partir do momento em que há conhecimento acerca das variantes e variedades linguísticas, diminui-se a

⁷Artigo “Língua e sociedade”. Edmilson José de Sá, publicado na revista Língua Portuguesa nº16, ed. Escala Educacional. p. 57.

inibição da fala e conseqüentemente resgata o estado natural da língua, que é a constante variação.

O trabalho de coleta de dados por meio de gravação de entrevistas faladas possibilita ao pesquisador/observador uma aproximação com a comunidade de fala, adentrando tanto aos aspectos culturais e históricos, e até mesmo pessoais, quanto às propriedades inerentes à oralidade propriamente dita. Ao entrevistador cabe a difícil missão de neutralizador, explorando o diálogo e mediando a espontaneidade. Decerto, todos os fatores podem interferir contribuindo para uma variação, como afirma Ataliba Castilho:

A observação das línguas naturais revela que elas estão sujeitas ao fenômeno da variação. As línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham, o espaço geográfico, sócio-cultural e temático em que se movem, e o canal linguístico que escolhem para comunicar-se.⁸

Interessante perceber que para o autor, e para ratificar o que vem sendo discutido ao longo desta pesquisa, as línguas em sua essência já variam; e estão vulneráveis a essa variação por fatores externos. Assim, a pesquisa linguística visa obter seu material para análise mediante observações de conversas, nas quais, os falantes expressem-se como quando não observados, porém, como Labov nos mostra em seus compêndios, só é possível coletar e elencar os dados fazendo “observações sistemáticas”.

A variação, de um modo geral, está constituída por variáveis e variantes. A primeira representa um ‘conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa’; Já as variantes estão voltadas para ‘cada uma das formas de realizar a mesma coisa’. Nessa relação da língua estão imbricados “valores tradicionais- isto é o que está explícito nas ideias de condicionamento social e aprendizagem social” (SÁ, 2007, p. 18). Podemos dizer então que a pesquisa variacionista tem desempenhado um importante papel no desenvolvimento dos estudos que veem a língua como um real instrumento social de comunicação, portanto, tem por objetivo

⁸ O Português do Brasil. Ataliba T. de Castilho. In: Rodolfo Ilari. Linguística Românica. 3ª ed, Editora Ática, 2001. p. 38.

explicitar o percurso de mudança linguística, levando em consideração diversos aspectos, tais como variáveis de gênero, idade, escolaridade e classe social.

3.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO DA PESQUISA

Adentrando aos aspectos históricos e geográficos da cidade de Jacobina, situada na região noroeste da Bahia e localizada ao extremo norte da Chapada Diamantina, popularmente conhecida e reconhecida como “Cidade do Ouro”, pode-se notar que há em toda a sua trajetória de existência, a influência de outros povos que aqui chegaram e chegam, constantemente, para exercer atividades econômicas, turísticas ou educacionais. Seu fluxo de desenvolvimento iniciou-se em meados do século XVII, com a descoberta de ouro, por portugueses e bandeirantes. A boa nova espalhou-se, dando lugar à chegada de bandeirantes acompanhados por colonos e escravos com o objetivo exclusivo de explorar as riquezas minerais do município. Iniciou-se então, uma longa história de migrações, cuja divícia cultural, em especial dos falares baianos, foi se mesclando e dando origem à constituição do que hoje identificamos por “falar jacobinense”, embora saibamos que na língua não há homogeneidade absoluta.

Vejamos a seguir, uma sucinta descrição dos falantes para que se possa visualizar os perfis conforme estabelecido.

3.2 CARACTERIZANDO OS INFORMANTES

Para a efetivação desta pesquisa, foram realizadas gravações de dez (10) entrevistas direcionadas oralmente, com um público variado em gênero, escolaridade e idade, adotando os seguintes critérios:

- 1- Ser natural da cidade de Jacobina ou morar lá desde os cinco (05) anos de idade;
- 2- Nunca ter se ausentado da referida cidade por mais que dois (02) anos consecutivos.

Os informantes foram agrupados conforme o que rege a sociolinguística laboviana, ponderando para os objetivos da pesquisa e com o propósito de neutralidade na comunicação. Ao elencar o *corpus*, poder-se-á perceber que os dados estão categoricamente distribuídos. A faixa

etária diz respeito a um importante aspecto relacionado à conservação ou escassez de um fenômeno linguístico, haja vista sabermos que pessoas de maior idade tendem a conservar as formas linguísticas, enquanto que as mais jovens buscam novas incorporações em seus falares cotidianos; A escolaridade refere-se ao nível de conhecimento escolar/intelectual do informante, o qual não deixa de caracterizar um grau de leitura e rebuscamento na fala; Em se tratando do gênero, tem-se questões sistemáticas em sua configuração, além de demarcar também diferenças sociais e culturais em meio à comunidade. Segundo Sá (2007, p. 65),

A relação entre sexo e linguagem, por exemplo, tem sido privilegiada pela sociolinguística, segundo a hipótese de que homens e mulheres não falam da mesma maneira, tanto pelas diferenças entre ritmo e tom de voz como pela preferência por determinadas estruturas.

Levando em consideração tais aspectos, buscou-se a seleção de informantes por meio de contato com falantes que variassem conforme esses aspectos, visto que, para Tarallo (1990, p. 21) “o pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo.” Para ele, a classe social se faz presente de maneira bastante explícita, uma vez que seu resultado está atrelado ao gênero. No caso da mulher de classe baixa, por exemplo, por ser mais consciente de sua posição social tende a fazer uso da forma prestigiada em sua comunidade de fala; enquanto os homens fazem constante uso da forma não-padrão. Para Labov (2008, p. 262) é importante analisar o fator gênero para mostrar a importância dos fatores sociais em uma análise linguística. Para isso, é importante a diversificação de informantes para dar maior credibilidade à pesquisa.

O primeiro ponto observado na seleção dos informantes esteve demarcado na naturalidade e tempo de residência na cidade de Jacobina, pois, grande parte da população reside aqui por motivo de trabalho ou estudo, devido à concentração de mineradora e o Campus da Universidade do Estado da Bahia que atraem moradores das cidades circunvizinhas e de outros estados.

Apresentaremos a seguir, um quadro de distribuição dos informantes.

ESCOLARIDADE	GÊNERO	FAIXA ETÁRIA
Nível Fundamental	01 homem	18 a 25 anos de idade
	01 mulher	26 a 50 anos de idade
	01 homem	A partir de 51 anos
Nível Médio	01 mulher	26 a 50 anos de idade
	01 homem	26 a 50 anos de idade
	01 mulher	18 a 25 anos de idade
	01 homem	A partir de 51 anos
Nível Superior	01 homem	26 a 50 anos de idade
	01 mulher	18 a 25 anos de idade
	01 mulher	A partir de 51 anos

Quadro 2: Distribuição dos sujeitos – Informantes da pesquisa.

Adentremos então, a uma breve caracterização do perfil dos falantes, apresentando as características e buscando identificar aspectos socioculturais que possam interferir no processo de variação ou mudança.

Falantes masculinos:

1 - D.A.C.S. 19 anos de idade, nascido e criado em Jacobina, solteiro, cristão, mora com os pais. Sempre estudou em escola pública, cursou até a oitava série do ensino fundamental. Possui uma deficiência física no membro esquerdo devido a um acidente de bicicleta, o qual acabou interferindo em seus estudos.

2 – C.P. 37 anos de idade, é natural de Jacobina, casado e tem uma filha; concluiu o ensino médio em escola pública, já deu aulas de informática; gosta muito do contato com o campo, está sempre atualizado nas notícias pela internet; seu pai é um grande cordelista e adora contar histórias, que são muito apreciadas pelo filho.

3 – B.F.C. 65 anos de idade, nascido em Jacobina, concluiu o ensino fundamental em escola pública e assim encerrou seus estudos. Acompanhou muitas mudanças político-históricas na

cidade; vivenciou o período da Ditadura Militar; é casado, possui comércio e é admirador do campo;

4 – M.M. 39 anos, natural de Jacobina, sempre morou em Jacobina, estudou durante a vida toda em escola pública, casado, tem filhos, professor pós-graduado, cursa pela segunda vez o nível superior, aprecia os movimentos sociais.

5 – R.F.A. 54 anos, nascido no município de Jacobina, nunca se ausentou da cidade; casado, tem dois filhos; frequentador assíduo da zona rural, nos momentos de lazer; estudou sempre em escola pública; diz-se não incentivado aos estudos e atribui a isso, o fato de ter demorado tanto para concluir o ensino médio.

Falantes femininos:

1 – N.L.D. 38 anos, natural de Jacobina, divorciada e tem um filho que cursa nível superior; estudou em escola pública até o ensino médio e trabalha para prover o sustento da família. È Cristã e gosta muito de praticar o ato da leitura.

2 – R.P.S.S. 54 anos, viúva, não tem filhos, mora sozinha; ausentou-se da cidade por período curto; estudou teologia, escreve sobre temas religiosos para jornal; já foi candidata a vereadora; bastante religiosa; pratica muito a leitura bíblica.

3 – L.A.A. 47 anos, casada, tem dois filhos graduados, casou-se muito jovem. Cursou apenas o ensino fundamental; teve uma vida muito sofrida, baseada no trabalho e atividades domésticas.

4 – J.S.S. 19 anos, solteira, natural de Jacobina, sempre estudou em escola pública do município de Jacobina, desde a infância gosta de se dedicar ao estudo da música instrumental; toca instrumento musical em uma orquestra da região, gosta de desenvolver trabalhos sociais voltados para o ensinamento musical.

5 – C.J.S. 24 anos, solteira, natural e residente em Jacobina, nunca se ausentou da cidade, exceto em períodos curtos de férias. Tem curso superior, realiza trabalhos voluntários em instituições carentes.

Acreditamos que ao apresentar o perfil dos falantes com base em dados etnográficos, possibilitamos ao leitor uma maior compreensão sobre aspectos tanto culturais quanto sociais dos

informantes, contribuindo assim, para a observação de que fatores como gênero e identidade contribuem para determinar uma possível variação ou mudança.

3.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS: análise dos dados

Segundo os pressupostos da pesquisa sociolinguística o melhor método de entrevista é a coleta de narrativas sobre experiências de cunho pessoal, então deve-se registrar além de bastante material, situações de fala espontânea, mesmo que o pesquisador se posicione não apenas como observador, mas participe de forma interativa, uma vez que “Sua participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica.” Tarallo (1990. p. 20). Dessa maneira a pesquisa torna-se concisa e, embora ainda haja partes de “estilo de entrevista” no *corpus*, o “estilo espontâneo” se sobressai ressaltando a seriedade de seus resultados. Para Tarallo (op. cit), o fato sociolinguístico deve seguir uma teoria, um método e um objeto que lhes devem ser próprios para dar conta da estrutura narrativa.

Durante a realização das observações e coleta de dados, pudemos observar que o falante da língua, embora seja dono do seu próprio discurso, se polícia ao confrontar-se com o discurso do outro, nesse caso, o entrevistador. A simples presença de um pesquisador já causa inibição nos informantes. Por conta disso, adotamos a metodologia de neutralizar ao máximo o impacto do gravador, conduzindo o diálogo para o campo da informalidade e dos relatos de ordem pessoal ou narração de fatos ocorridos. Percebeu-se que o falante mesmo não tendo domínio ou conhecimento das normas regidas pela GT, tenta adequar ou até mesmo retificar sua fala em dados momentos das gravações, na tentativa de se auto corrigir. No decorrer da conversa, os entrevistados foram ganhando confiança e assim, aproveitaram o espaço para fazer colocações que julgavam importantes em suas vidas, tornando o diálogo bem mais espontâneo, e contribuindo para a pesquisa aqui desenvolvida.

A coleta de dados se constituiu por entrevistas seguidas de relatos pessoais sobre histórias e perspectivas de vida, experiências profissionais e relações interpessoais, mediados pelo entrevistador, com gravações com duração de dez a quinze minutos aproximadamente. Embora não seja uma pesquisa de cunho quantitativo, sua quantificação faz-se importante para

que observemos quais circunstâncias possibilitaram a variação e uma possível mudança. Consideremos o quadro de ocorrências, segundo a transcrição dos dados.

Evidências com o uso do <i>TU</i>	Evidências com o uso do <i>VOCÊ</i>
27 ocorrências	129 ocorrências
Exemplos: “... <i>tu</i> nunca ficou doente.” (F.2) “Lá vem <i>tu</i> com teus traumas.”(F.5) “Quando eu casei, eu passei pra dentro a casa nem tinha porta, aí fui terminando com o tempo, mas <i>tu</i> quer tudo pronto...” (F.9) “...quando <i>tu</i> nasceu teu pai saiu da mineração[...] depois que <i>tu</i> nasceu que ele saiu.”(F.2) “...mainha como é que <i>tu</i> cai assim besta besta?” (F.5)	Exemplos: “...rapaz <i>você</i> é um anjo, além de ser um dia santo, feriado nacional e <i>você</i> prestando esse serviço.” (F.3) “Se <i>você</i> quiser história, pra <i>você</i> ter história, pra contar dessa terra todinha, aqui.” (F.6) “Quando a pessoa tá na orquestra, <i>você</i> aprende diversas coisas, <i>você</i> aprende ouvindo o outro, <i>você</i> aprende a viver em sociedade, <i>você</i> aprende a ficar junto, harmonia! <i>Você</i> aprende a ter educação.” (F.8)

Quadro 3: Representação geral das ocorrências observadas.

Nessas gravações registrou-se o polimento, em algumas ocasiões de observação, da utilização do pronome “*tu*” para dar lugar ao pronome “*você*”. Vejamos a ocorrência:

“Eu vou dizer uma coisa, se *tu* for pensar, se *você* for pensar assim num vai ter nada nunca.” (F.9)

Pode-se perceber que a intenção do falante foi reformular o enunciado já proferido, substituindo a utilização de uma partícula por outra, ambas se referindo ao interlocutor, de forma direta. Notou-se que, para alguns falantes, mesmo tendo estudado apenas as séries iniciais, tal substituição é a forma mais acertada, tendo em vista a Gramática Normativa. Em contrapartida, observa-se a real convivência dessas duas formas na oralidade dos falantes naturais da cidade, que ora se confundem com o falar de visitantes e migrantes, ainda que, como pudemos ver na tabela anterior, a frequência de uso do pronome *você* se sobrepôs ao uso do *tu*. Traçando um panorama desses falares de acordo com as ocorrências correspondentes, podemos visualizar conforme a caracterização dos informantes no tópico anterior, em quais células há mais ocorrências desses

pronomes. Assim, teremos uma estratificação mais completa das evidências dos pronomes *tu* e *você*. Observemos o quadro composto com as devidas ocorrências.

ESCOLARIDADE	GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	TU	VOCÊ
Nível Fundamental	Masculino	18 a 25	01	10
		a partir de 51	00	09
	Feminino	26 a 50	15	08
Nível Médio	Feminino	26 a 50	04	09
		18 a 25	00	43
	Masculino	26 a 50	00	09
		a partir de 51	07	09
Nível Superior	Masculino	26 a 50	00	27
	Feminino	18 a 25	00	00
		a partir de 51	00	05
Total de ocorrências			27	129

Quadro 4: Representação das ocorrências por escolaridade, gênero e idade.

Ao analisarmos o quadro exposto, podemos ver que não houve ocorrências registrando o uso do *tu* pelos informantes de nível superior; já os informantes de nível fundamental oscilam entre os dois pronomes; enquanto os de nível médio, apesar de fazerem uso das duas formas, evidenciamos o pronome *você*.

No que se refere à concordância, constatamos em pouca ocorrência o uso do *tu* com o verbo de segunda pessoa e *tu* com o verbo de terceira pessoa, conforme quadro abaixo:

Tu – com verbo de 2ª pessoa	Tu – com verbo de 3ª pessoa
01 ocorrência	21 ocorrências
Exemplos: “Deus, <i>tu sabes</i> que eu não vou resistir.” (F.5)	Exemplos: “Aí quando <i>tu nasceu</i> mãe tava lá... aí quando pensa que não, <i>vem mãe cum tu.</i> ” (F.2) “...mainha <i>quando tu chegar</i> eu vou querer a moto...” (F.5) “ <i>Tu já cobrou</i> dele? <i>Tu marcou</i> em tudo é?”(F.9)

Quadro 5: Representação das ocorrências do *tu* em relação à concordância.

A classificação pura e simples que é dada pela Gramática Normativa ao *tu*, enquadrando-o como Pronome de tratamento, é visualizada também na oralidade, em expressões como:

“*Mas tu eu num sei não!*” (F.9) e em “[...] *ai deixei tu no sofá.*” (F.2)

No decorrer da pesquisa, verificamos a existência do pronome *você* empregado no sentido genérico, ou seja, indeterminando o sujeito, conforme mostram as ocorrências a seguir:

1- “*...e quando você passa perto dele, que ele faz shiushiui.*” (risos) (F.3)

2- “*Desse jeito como é que você não vira fregueis?*” (F.3)

3- “*É uma experiência bem interessante né? Você lidar com vários tipos de públicos e aquela coisa... é tanto pra vida né? Você aprende a lidar com as diversas situações... aqui, é tão bom trabalhar na biblioteca que você tem um monte de livros... um mundo de opções pra você ler, pra... sei lá, fazer tanta coisa!*” (F.8)

4- “*Eu sempre gostei de panfletar também né, de... Eu acho que é uma das formas de você também levar sua mensagem pras pessoas.*” (F.7)

5- “*Então, assim... Não é só você ser tal, mostrar militância, mostrar que é de esquerda, não sei o quê, e você se descuidar da linguagem porque ai você acaba perdendo um pouco da credibilidade.*” (F.7)

6- “*Isso é algo que não tem valor pra mim. É um preço você ter o compromisso de criar, produzir uma matéria toda semana, de responsabilidade.*” (F.4)

Esse emprego do pronome *você* é uma classificação dada a partir de observações da fala, e embora não seja reconhecida pela gramática, mostra-se bem evidente em alguns enunciados, como pudemos observar. Isso acontece devido ao seu emprego ser diferenciado, pois nem se refere à pessoa *com quem se fala* e nem à pessoa *de quem se fala*. Ilustra apenas uma situação hipotética ou meramente sugestiva sem apontar diretamente uma determinada pessoa.

Ao analisarmos a comunidade de fala, notamos uma variação no uso desses pronomes, ora *tu*, como nas ocorrências: “*tu vai*”, “*tu chegou*”, “*tu quer*”, “*tu é bonita*” em afirmações curtas e perguntas. Em algumas situações o “*tu*” apresentou-se favorecendo o uso do imperativo na forma indicativa:

“[...] *tu* lembra daquele cara que o povo desconfiava?”(F.8); “Pai, *tu* deixa eu sair com tua bicicleta?”(F.1).

Esporadicamente se verifica o emprego do pronome *você* nessas sentenças diretas, portanto, coube explicitar aqui, nesse trabalho monográfico, os processos investigativos, bem como, os resultados que acarretaram esse processo linguístico.

Em se tratando do discurso corrido, evidenciou-se o uso do pronome “*você*” com objetivos diferentes, entre eles, para se dirigir ao interlocutor

“[...]por quê? **Você** quer fazer algum trabalho?” (F.3)

ou para exemplificar situações ocorridas consigo mesmo

“Como é que **você** passa no vestibular fazendo um em matemática e dois em português?(risos)” (F.6).

Em situações que ocorre a presença do pronome *você* de modo explícito há o favorecimento das formas do imperativo adjunto ao subjuntivo, conforme exemplos a seguir:

“[...] ame o seu irmão para que **você** tenha essa aproximação com Deus.” (F.1);

“[...] você tem um chamado no seu coração para **você** pregar a palavra de Deus...”(F.1).

Esse fenômeno fora comprovado por Daisy Barbara Borges Cardoso, em sua Tese de Doutorado,⁹

No século XX, [...], a forma *você* passa a predominar como forma pronominal de segunda pessoa, sendo que, nesse contexto, segundo a tradição gramatical, o imperativo é formado pelas formas associadas ao subjuntivo – a forma supletiva. Contudo, o falante ao usar o pronome *você* como segunda pessoa gramatical, continua a usar o imperativo com a morfologia do imperativo verdadeiro, ou seja, aquele sincronicamente associado à forma indicativa.

O emprego do pronome *você* também foi visto como complemento, e até em maior evidência do que o emprego do *tu* nessa mesma função. Vejamos o quadro:

<i>TU</i> na função de complemento	<i>VOCÊ</i> na função de complemento
“Ciúme de <i>tu</i> ? [...]” (F.2)	“... vai avaliar através de mim e através de <i>você</i> .” (F.1)
“[...] aí quando pensa que não, vem mãe com	

⁹ Tese Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, 2009.

<i>tu.</i> ” (F.2)	<p>“...tá pensando que eu sofri foi brincadeira <i>com</i> <i>você?</i>” (F.2)</p> <p>“[...] porque é uma forma <i>de</i> <i>você</i> criar uma marca, né? (F.7)</p> <p>“Assim como <i>você</i> o sargento manda...” (F.6)</p>
--------------------	--

Quadro 6: Representação das ocorrências na função de complemento.

Segundo as regras da colocação pronominal, o pronome *tu* deve ser sempre sujeito da oração, não podendo, pois, ser precedido de preposições para funcionar como complemento, mas nas ocorrências, notamos que tal regra gramatical não encontra lugar na gramática da fala. Assim, percebemos que o pronome *você*, em particular na oralidade dos falantes da comunidade pesquisada, transita da categoria prototípica, ou seja, aquela categoria gramatical a qual pertencia e migra para uma nova categoria em constante uso, a qual é regida pelo campo da teoria da variação e a sociolinguística. A pesquisa aqui desencadeada nos mostrou que o *tu* e o *você* ocupam espaços e funções relativas na oralidade, a depender dos fatores internos e externos que possam influenciar seu emprego e, embora haja controvérsias teóricas a seu respeito, seus usos atendem ao princípio fundamental da linguagem: a comunicação e interação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, pudemos constatar a importância da teoria Sociolinguística como instrumento norteador para o estudo da língua em uso, que é, sobretudo, o principal meio comunicativo. Através dessa teoria, os chamados sociolinguístas e demais pesquisadores conseguem estabelecer parâmetros e sistematizar o “caos linguístico”. A metodologia por eles desenvolvida consegue se adequar às várias comunidades de fala e atender aos objetivos estipulados na investigação de determinados fenômenos observados na expressão comunicativa. Sua contribuição interfere amplamente na forma como a língua é vista pela sociedade, estudada por pesquisadores iniciantes e profissionais de ensino. A partir das abordagens aqui desencadeadas, notamos que se trata de uma nova pesquisa no que se refere à fala de Jacobina, uma vez que, ao buscarmos referenciais teóricos, inclusive em trabalhos acadêmicos produzidos nessa instituição de Ensino Superior, não encontramos bases que investigassem e analisassem fenômenos da fala na região. Por isso, acreditamos que esta investigação possa contribuir para descrever a fala do povo jacobinense e incentivar novas produções acadêmicas nessa área.

A proposta desta pesquisa visou, sumariamente, descobrir dados acerca da variação de uso do *tu* e *você* no português em Jacobina. Entretanto, para se chegar a um suporte teórico que desse base para as conclusões foi necessário analisar no aspecto diacrônico, a utilização dos pronomes pessoais e de tratamento. Percebemos, então, que a forma *você* passou por uma série de transformações: *Vossa Mercê*, *Vossemecê*, *Vosmecê*, *Vossuncê*, *Voncêm*, *Você*, e atualmente compartilha a forma *Ocê* e *Cê*, em alguns casos. O *tu*, apesar de mais restrito, era usado de maneira informal, preferencialmente entre pessoas mais próximas, mas observamos que, a ele não era dado tanto espaço nos compêndios teóricos. O que se dizia a seu respeito restringia-se a pronome de 2ª pessoa do singular, sendo que, algumas variedades não utilizavam o S na conjugação verbal. Linguisticamente falando, no Brasil, apesar de termos seis formas verbais, utilizamos apenas quatro com a redução das desinências: *eu escrevo*; *tu/você/ele/a gente escreve*; *nós escrevemos*; *vocês/eles/ escrevem*. A utilização desses pronomes observados (*tu* e *você*) esteve estritamente relacionada a questões históricas e socioculturais, como vimos no capítulo I.

Com o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, o que poderia ser taxado restritamente como erro, passa a ser pesquisado e analisado como um conjunto de possíveis variações e mudanças na oralidade dos falantes, os quais detêm total poder sobre a língua. Assim, percebemos que, em relação ao uso do *tu* e *você* no português brasileiro, conforme a história do seu comportamento linguístico, há mais uma variação do seu uso, do que uma mudança categórica. O estudo sincrônico do *tu* e *você* no português do Brasil requereu uma investigação gramatical, até mesmo para contrastar com a natureza linguística das formas, e o que percebemos com esse estudo reflete uma padronização estrutural em relação ao que é dito e posto como norma pela Gramática Tradicional. No geral, observamos a existência de uma lacuna entre teoria e prática, pois o que é regido nas normas da gramática se distancia do uso. Para os gramáticos o uso deve partir da norma, já os linguistas estabelecem critérios para justificar determinados usos.

Categoricamente o *tu* é classificado, pelos gramáticos, como pronome pessoal do caso reto, com função subjetiva à pessoa com quem se fala, pois substitui o nome e representa a pessoa do discurso. O estudo ainda nos mostra que o pronome *você* apesar de ser da classe dos “tratamentos”, também pode ser pronome pessoal, e empregado na função de sujeito, agente da passiva ou adjunto. Sendo assim, no decorrer da dissertação foi notado classificações e definições dos aspectos gramaticais que estiveram permeando o foco do trabalho, haja vista, as gramáticas terem apresentado informações limitadas sobre as formas pronominais de segunda pessoa. Decerto houve muitas definições e usos para tais pronomes, mas vale ressaltar que seus empregos estão estritamente atrelados às mudanças nas relações sociais.

O método utilizado como base de informações para consultas e socialização permitiu enriquecer este trabalho com dados de pesquisas etnográficas de diversas regiões, a exemplo do Nordeste, Sudeste, Norte, Centro Oeste e Sul. Essa seção propiciou ao leitor uma visão geral acerca do quanto o fenômeno observado é difundido em diversas regiões, contribuindo para a confirmação de que no Brasil há um grande leque de variações e uma mesma variante pode ser usada de formas extremamente diferentes, em localidades de fala diferenciadas bastante próximas. Importante ter percebido os resultados encontrados em cada comunidade, pois serviram de parâmetro comparativo das decorrências obtidas na pesquisa aqui exposta. A síntese obtida pelos resultados exibidos dão conta da convivência das duas formas, em contextos

distintos ou não; na verdade pode-se cogitar uma mistura desses usos como forma pessoal e de tratamento.

Constatado que as formas *tu* e *você* convivem na fala desde os primórdios, e analisado o posicionamento de gramáticos e linguistas, coube a nós pesquisar se essa convivência também ocorria na oralidade do povo Jacobinense, e como incidia. Encorajados pela curiosidade e munidos dos dados coletados, podemos chegar à finalidade deste trabalho: responder aos questionamentos elaborados no princípio das ideias. Para a realização das análises foi necessário estabelecer uma ligação entre as definições, posicionamentos e usos dessas duas formas que ora, mostravam-se pessoais, ora de tratamento. Vale ressaltar que no decorrer das análises fomos destacando outros aspectos doravante importantes, mas que não foram elencados como foco do observador, nem tão pouco como item de investigação, a exemplo da existência do pronome *você* empregado no sentido genérico. Acreditamos ainda, que as formas apresentaram uma tendência a competir de modo deliberado em contextos de informalidade, pois observamos falantes dando espaço às duas evidências em suas falas, mesmo tendo consciência que estavam sendo monitorados por gravador.

Este trabalho teve por finalidade descobrir quais fatores determinaram a variação e com base no contexto discursivo pudemos perceber que a espontaneidade fez com que ela acontecesse, independentemente da proporção. Ao mesmo tempo propôs definir os ambientes linguísticos e investigou se houve uma sobreposição em relação ao uso dessas formas. Nesse aspecto convém salientar a convergência de uma finalidade com uma hipótese traçada: houve uma variação de uso do *tu* e *você*. Tendenciosamente já cogitávamos a coincidência nos usos dessas formas na oralidade, confirmando assim uma das hipóteses. Isso nos leva a pensar que essa variação de uso do pronome de tratamento, ora funcionam como pronome sujeito. Ao relacionar os falantes, com base no perfil descrito, observamos que o fator idade contribuiu para o desempenho da forma *tu*, ou seja, informantes que mais utilizavam pronome de 2ª pessoa estavam dentro da segunda faixa etária. Em relação ao *você* obtivemos o inverso: informantes com menor idade usavam bem mais a forma *você*. Evidente que a presença do entrevistador possa ter interferido, mas os diálogos fluíram mais para a naturalidade.

A proposta presente desejou revelar se houve uma tendência do uso de determinada variante, em detrimento da outra e tudo leva a crer que sim, porém, uma das hipóteses afirma ser o pronome *tu* quem está substituindo o pronome *você*, fato este, negado pelos dados coletados, visto que, houve mais ocorrências com a forma *você* e bem menos evidências com o uso do *tu*. Sobre tal resultado devemos ratificar a ideia de termos a impressão de que o pronome de 2ª pessoa estivesse, realmente, suprimindo a forma de tratamento *você*. Com o resultado diferente do esperado pela hipótese, sequenciamos as considerações finais para apresentar mais uma conclusão acerca da proposição: no uso diário, ambos os pronomes são pessoais. Com embasamento nos dados coletados, é possível que a informação proceda, pois na fala de Jacobina notamos o uso do *tu* e *você* na função de pronome pessoal. Além disso, merece atenção especial a questão da concordância, por representar sentenças com 2ª pessoa e verbo de terceira.

Em virtude dos fatos mencionados é-se levado a acreditar que existe um processo de variação, no qual apresenta relativa diferença do ponto de vista formal entre o uso do *tu* e *você*, em discursos cuja temática, embora voltada para narrativas pessoais, tenha ganhado um tom mais formal. Nessas falas, evidenciou-se a escolha da forma *você*. Na função discursivo-pragmática, o *você* representou elevados índices na indeterminação de sujeito, demonstrando um uso genérico. Por fim, cremos que, conforme os resultados obtidos, pudemos visualizar o comportamento linguístico das formas *tu* e *você* desempenhadas pelos falantes da comunidade de fala de Jacobina – Bahia, além de acreditarmos que o tema daria conta de novas pesquisas com um campo de investigação em outros focos.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BEARZOTI, Paulo. Como tu virou você. **Discutindo Literatura**, São Paulo: Escala, v. 1, n.2, ano 1, 2005.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 Ed. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRAGA, Henrique; MÓDOLO, Marcelo. O jovem 'tu' vence o 'você'. **Língua Portuguesa**, São Paulo, Segmento, nº 75, ano 7, Janeiro de 2012.
- CARDOSO, Daisy Barbara Borges. **Variação e mudança do imperativo no português brasileiro**: gênero e identidade. 153f. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, 2009. <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4311/1/2009_DaisyBarbaraBorgesCardoso.pdf> Acesso em 07.03.2013.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **O Português do Brasil**. In: ILARI, Rodolfo. Linguística românica. 3 ed. São Paulo: Ática, 1992.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 27 ed. São Paulo: Nacional, 1990.
- CINTRA. Luis Filipe Lindley. **Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte. 1986. (Coleção Horizonte).
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA. Luis Filipe Lindley. **Nova Gramática Do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, 13: 51-82, 1996.

HOUAISS, Antonio et al. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3.ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HORA, Dermeval. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: HORA, Dermeval da. (org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. <<http://www.parabolaeditorial.com.br/padroes3-18.pdf>> Acesso em 13.08.2012.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LUCCHESI, Dante. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.

MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org.). **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. Maceió: EDUFAL, 2007.

NAPOLI, Tatiana. Abismo do Padrão. **Conhecimento Prático Língua Portuguesa**, São Paulo, Escala Educacional, nº 19, 2010.

RUMEU, Marcia Cristina de Brito. **A Implementação do ‘Você’ no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Painel**. 276f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/RumeuMCB.pdf>> Acesso em 20.12.2012.

SÁ, Edmilson José de. Língua e Sociedade. **Conhecimento Prático Língua Portuguesa**, São Paulo, Escala Educacional, nº 16, 2009.

_____. **Estudos da variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar**. São Paulo: Textonovo, 2007.

SOUSA, Valéria Viana. **Os (des)caminhos do você: uma análise sobre variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você**. 184f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-

Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2008.
<<http://plsq11.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=0179266700190376>>. Acesso em 20.09.2012

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 3 Ed. São Paulo: Ática, 1990. Série Princípios.

WEINREICH, Uriel et al. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANEXOS A



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, BENEDITO FERREIRA COSTA, CASADO (estado civil),
RG nº 01.360.157-19, CPF nº _____ declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
07.06.2012 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 07/06/2012.

Benedito S Costa
(assinatura)

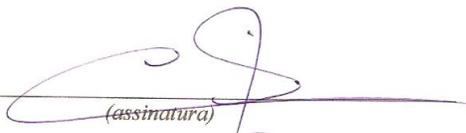


UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, CRISTIANO PEREIRA, OUTROS (estado civil),
RG nº 06.026675-93, CPF nº 975.915725-04 declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
06.06.12 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 06/06/12.


(assinatura)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, DIEGO ALVES DA SILVA SOUZA, SOLTEIRO (estado civil),
RG nº 14.447.146-94, CPF nº _____ declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
16.05.2012 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 16 / 05 / 2012.

Diego Alves da Silva Souza
(assinatura)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, Juliane Santana dos Santos (estado civil),
RG nº 1439278687, CPF nº 056.065.015-97 declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
31/07/2013 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 31/07/2013.

Juliane Santana dos Santos
(assinatura)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, LUZINETE ARAUJO DE ALMEIDA, CASADA (estado civil),
RG nº 03.331.979 - 09, CPF nº 877.363.735-15 declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
30.05.2012 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 30/05 / 2012.

Luzinete Araujo de Almeida
(assinatura)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, Márcio Melo, CASADO (estado civil),
RG nº 6.435.343, CPF nº _____ declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
30/07/2013 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 30/07/13.

Márcio Melo
(assinatura)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, NELCI LAGO DIAS, DIVORCIADA (estado civil),
RG nº 0823242803, CPF nº 96360020530 declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
04.06.2012 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 04 / 06 / 2012.

Nelci Lago Dias
(assinatura)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, REINALDO FREITAS DE ALMEIDA (estado civil),
RG nº 02.541.258-, CPF nº 356.023.095-00 declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
25.01.2013 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 25/01/2013.

Reinaldo Freitas de Almeida
(assinatura)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

CARTA DE CESSÃO

Eu, Leonorice Pereira dos Santos Soza (viúva) (estado civil),
RG nº 0234141387, CPF nº 247339895-04 declaro para os
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em
04.06.2012 (data) para a graduanda Jamille Maria Araujo de Almeida usá-
la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para o seu Trabalho
de Conclusão de Curso, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações
desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente carta.

Jacobina -BA, 04/06/2012.

Leonorice Pereira dos Santos Soza
(assinatura)